

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**UM OLHAR E MUITOS OLHARES: OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO
E A EVANGELIZAÇÃO NA ESCOLA CATÓLICA**

JOSÉ LEONARDO DOS SANTOS BORBA

GOIÂNIA

2007

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

**UM OLHAR E MUITOS OLHARES: OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO
E A EVANGELIZAÇÃO NA ESCOLA CATÓLICA**

JOSÉ LEONARDO DOS SANTOS BORBA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Adolescência e Juventude no mundo contemporâneo como requisito para grau de especialista.

Orientadora: Profa. Ms. Carmem Lúcia Teixeira

**GOIÂNIA
2007**

Dedico este trabalho aos meus pais Arlindo e Conceição, meu mano Fábio, aos meus amigos nomeados em Davi Nardi e Alípio Durans, minhas amigas nomeadas em Alzira Maria e Fabíola Botelho e aos jovens que acreditam na vida e lutam por um mundo mais justo e solidário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade, de no cotidiano, encontrar pessoas que me ajudam a ser mais humano e sensível à causa dos pobres.

Aos professores e amigos do curso de Especialização em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo que nos ajudaram a compreender a diversidade juvenil e nos motivaram para a pesquisa, de maneira especial as professoras Janira Sodré Miranda, Miriam Fábria e Vanildes Gonçalves.

À minha orientadora e amiga, Carmem Lúcia Teixeira, companheira de caminhada junto aos jovens, pelo olhar criterioso e cuidadoso, pelos questionamentos, apoio, presença e incentivo durante todo o curso e acompanhamento da pesquisa.

Aos amigos e amigas da Casa da Juventude Pe. Burnier pela acolhida, carinho e oportunidade de crescimento durante a realização da especialização.

À Província Marista do Brasil Centro-Norte, na pessoa do Irmão Provincial Claudino Falqueto, pela confiança, apoio e incentivo a esse tempo de estudo no período da formação inicial à vida religiosa.

Ao Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, Vila-Velha-ES, campo de estudo e espaço de aprendizagem, através dos educadores e educandos. Obrigado pela abertura e acesso às informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço à direção do colégio: Profa. Tânia Amélia Guimarães, Profa. Eveline Morelli e Henrique Ferreira; aos educadores do Ensino Médio, aos serviços de orientação educacional, pedagógico, pastoral e disciplinar: Alba, Ângela, Alessandro, Augusta, Dora, Cristina, Telmar, Terilene, Dorielson, Lucineide, Sidney, Marcelo, Jovino; à equipe da gráfica: Carla, Maicon, Márcia, Lucas e Amanda; às bibliotecárias Rosana e Patrícia e aos funcionários dos serviços gerais.

Agradeço aos jovens do Ensino Médio do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha e de maneira especial àqueles que contribuíram de perto com as entrevistas.

À minha primeira comunidade religiosa no início do curso: os Irmãos Arnaldo Souza, Davi Nardi, Guilherme Fontes e de maneira especial Eugênio Franco de Jesus pela simplicidade, dedicação e amor pelo conhecimento.

Aos meus irmãos de comunidade Adalberto, Delano, Francisdil, José Augusto, Lucieldo, Paulo, Renato e Raimundo pela compreensão e paciência durante o período da pesquisa e elaboração desse trabalho.

Às pessoas que contribuíram de perto para que esse trabalho viesse se tornar realidade: Alessandro Vescovi, pela sua enorme paciência e disposição em ler cada palavra deste trabalho, convidando-me a retomar as leituras e questionando a forma “pejoteira” de escrever, Flávio Magalhães, Ir. Joilson Toledo, Ir. Raimundo Barbosa, Ir. Renato Augusto, Ir. Wagner Cruz, José Augusto Júnior, Jorge Elias, Maria de Fátima Rodrigues, Mariléa Vicente, aos jovens entrevistados e tantas pessoas que o espaço não permite nomear.

Aos amigos e amigas das Pastorais da Juventude do Brasil, de maneira especial à Pastoral da Juventude Estudantil, escola de vida, espaço de vivências e militância durante alguns anos: Alex, Adilza, Chico, Laine, Eveline, Rafael, Vinicius, Bruno, Gustavo, Cristiano, Lívia, Gabriela, Fabrício, Gisele, Wanderson, Fernando, Rosalba, Sileide, Ir. Maria de Jesus, Pe. Hilário Dick, Rosilene Wansetto, Isolete, Simone, Sineide, Maria Helena, Elinaide, Bianca, Janete, Fulvio, André e Julio.

Aos amigos da Pastoral da UNICAP, dos colégios: Marista Nossa Senhora da Conceição, Marista do Recife, Maria Auxiliadora e Nossa Senhora do Carmo, espaços onde trabalhei e aprendi a amar mais a juventude.

Aos amigos e amigas que sempre me incentivaram e acreditam no meu potencial, contribuindo para o meu crescimento: Alípio, Alzira, Fabíola, Tiago Tenório, Simone, Clélio, Diogo, Fernanda, Ir. Dircilene, Pe. Jacques Trudel, Amara, Rosário, Pe. Mota, D. Antonio Costa (in memoriam), Tadeu, Ir. José Airton, Cici, Adilza, Solimar, Jurandir, André, Bruno, Gilmar, Masukievski, Mariano, Renato e Valdira.

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa.

RESUMO

BORBA, José Leonardo S. Um olhar sobre muitos olhares: os jovens estudantes do ensino médio e a evangelização na escola católica (Monografia da Especialização em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2007.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o processo da evangelização dos jovens do Ensino Médio no Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, ES, no ano de 2007. Também foi analisada a ação pastoral proposta pela escola e se esta tem alguma influência no exercício do protagonismo dos jovens estudantes. No processo da pesquisa, buscamos refletir acerca dos conceitos de juventude, religião, protagonismo juvenil e evangelização, e, para tal, utilizamos diversos autores e autoras que compuseram nosso referencial teórico, dentre eles: Antônio Groppo, Anthony Giddens, Agenor Brighenti, Carmem Lúcia Teixeira, Helena Abramo, Jorge Atilio Iulianelli, Paulo Freire, Hilário Dick e outros. Buscamos realizar ao longo da pesquisa uma reflexão acerca do mundo como uma aldeia global, e ao mesmo tempo refletir sobre o mundo na atualidade, e a presença dos jovens nesse recorte histórico, como também, refletir sobre a juventude ou múltiplas juventudes, sem perder de vista os jovens, a religião e o protagonismo juvenil. Aprofundamos-nos na Educação Marista no Brasil e, para isso, fomos buscar na origem do Instituto Marista informações que poderiam contribuir com a mesma, e construir então o pano de fundo no qual estão inseridos nossos jovens entrevistados. Ao analisarmos os diversos olhares dos jovens sobre a evangelização da juventude, buscamos obter as diversas compreensões que os mesmos têm acerca desse tema, discutindo essa questão a partir de um espaço católico que, por seus documentos, é espaço de evangelização. As leituras realizadas pelos jovens nos possibilitaram analisar os processos até então estabelecidos fazendo com que propuséssemos algumas propostas de ação a fim de tornar esse espaço mais significativo para os jovens.

Palavras-chave: juventude, religião, protagonismo juvenil, evangelização.

RÉSUMÉ

Borba, José Leonardo S. "Un Régard et beaucoup de Régards: Les jeunes étudiants de l'Enseignement Moyen et l'Évangélisation à l'École Catholique (Monographie de spécialisation en Adolescence et Jeunesse au Monde Contemporain) - Faculté Jésuite de Philosophie et Théologie, 2007.

Cette recherche a eu comme objectif l'investigation du procès de l'Évangélisation des jeunes de l'Enseignement Moyen au "Colège Marist Notre Dame de la Penha", en Vila Velha, ES, au cours de l'année 2007. En plus, fut analysée l'action pastorale proposée par l'école, et si celle-ci a quelque influence sur l'exercice du "protagonisme" des jeunes étudiants. Pendant la recherche, on a réfléchi sur la signification (concept) de "jeunesse", religion, protagonisme juvénile et évangélisation"; pour cela, nous avons consulté plusieurs auteurs (ils et elles) qui ont composé notre référentiel théorique. Parmi eux, nous pouvons citer: Antônio Groppo, Anthony Giddens, Agenor Brighenti, Carmem Lúcia Teixeira, Helena Abramo, Jorge Atilio Iulianelli, Paulo Freire, Hilário Dick et d'autres. Nous avons fait le possible pour réaliser, au long de la recherche, une réflexion à propos du monde, comme un global village (aldeia global), et, au même temps, examiner sérieusement le monde actuel, et la présence des jeunes devant cette période historique. Nous avons encore réfléchi sur la "jeunesse", ou "multiples jeunesse", sans perdre de vue : les jeunes, la religion et le protagonisme juvénile. Nous sommes allés au fond du sujet "Éducation Mariste au Brésil". Pour y arriver, il nous a fallu un retour aux origines de l'Institut Mariste. Comme ça, de bonnes informations nous sont venues pour construire un "arrière-plan" (référentiel), où sont insérés nos jeunes qui ont donné l'entrevue. Pour analyser les divers regards des jeunes sur l'Évangélisation de la jeunesse, il y a eu un assez grand effort pour obtenir les diverses compréhensions qu'ils (les jeunes) ont à propos de ce "thème". Et cette question fut abordée, en partant d'un espace catholique, le quel, par ses documents, est un espace d'évangélisation. Les lectures réalisées par les jeunes nous ont rendu possible l'analyse des procès jusqu'ici établis, et elles nous portent à présenter quelques propositions d'action pour faire cet espace (en question) plus significatif pour les jeunes.

Mots-clés: jeunesse, religion, protagonisme juvénile, évangélisation.

ABSTRACT

BORBA, José Leonardo S. An interpretation and many interpretations: Young students from High School and the Evangelism in Catholic Schools (Post graduation *Latu Sensu* Monography on Adolescence and Youth in the Contemporary Society) – Jesuitical University of Philosophy and Theology, 2007.

This research has had as purpose to investigate the evangelism process of young students from Nossa Senhora da Penha Marist School, in Vila Velha, ES, in the current year. It was also analyzed the pastoral commitment suggested by the school and whether it can have any influence in the protagonist practice of young students. During the research process we searched to consider about youth concepts, religion, youth protagonism and evangelism. To do so, we availed ourselves of several authors who arranged our theoretical reference, such as: Antônio Groppo, Anthony Giddens, Agenor Brighenti, Carmem Lúcia Teixeira, Helena Abramo, Jorge Atílio Iulianelli, Paulo Freire, Hilário Dick, and others. We tried to build along the research a consideration about the world as a “global village”, and at the same time think about the world nowadays and youth presence in such a historical context, as well as think about young people

and different kinds of young people, without losing sight of the young students, religion and youth protagonism. We went deep into Marist education in Brazil and we brought some information from the origin of Marist Institution, which could contribute with it, helping us building a background where the interviewed students are. By analyzing the different interpretations youth usually have about evangelism we tried to get the variety of points of view they have about such a theme by discussing the question concerning a catholic space, which really is a space of evangelism. The interpretations done by the young students availed us to analyze the process which has been developed and gave us some action possibilities so we can change that catholic space into a more meaningful one for the young students.

Keywords: youth, religion, youth protagonism, evangelism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. O MUNDO: UMA GRANDE ALDEIA GLOBAL	14
2.1 O MUNDO NA CONTEMPORANEIDADE.....	14
2.2 OS JOVENS NA SOCIEDADE ATUAL.....	18
2.2.1 Juventude ou Juventudes?.....	21
2.2.2 Os jovens por eles mesmos	27
2.3 OS JOVENS E A RELIGIÃO.....	30
2.4 PROTAGONISMO JUVENIL	35
3 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO MARISTA	39
3.1 A EDUCAÇÃO MARISTA NO BRASIL.....	39
3.2 A EDUCAÇÃO MARISTA EM VILA VELHA-ES.....	43
3.3 A AÇÃO PASTORAL NO COLÉGIO MARISTA NOSSA SENHORA DA PENHA	50
4 DIVERSOS OLHARES SOBRE A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE	54
4.1 A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE NO BRASIL	59
4.2 A ESCOLA CATÓLICA COMO ESPAÇO DE EVANGELIZAÇÃO.....	63
4.3 OS OLHARES DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A EVANGELIZAÇÃO.....	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR SOBRE TANTOS OLHARES	78
6 REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	88

1 INTRODUÇÃO

“... Ousamos crer numa educação libertadora, crítica e de base, que possibilite a socialização do saber, que use o tom da alegria no seu jeito de educar, que aposte na criatividade, na paixão, no humor, na arte, na poesia e em tudo que esteja á serviço da vida”¹... (Credo da Pastoral da Juventude Estudantil)

Esse fragmento do credo da Pastoral da Juventude Estudantil apresenta um tipo de educação sonhada para a juventude na sociedade atual a partir da experiência de jovens estudantes. Ele nos motiva a lutar por uma educação de qualidade que leve em consideração a vida dos educandos e as experiências trazidas das suas vivências no cotidiano.

O presente trabalho é fruto da minha caminhada e militância na Pastoral da Juventude Estudantil, onde aprendi a amar a vida e o mundo, descobrindo-me como sujeito de transformação e responsável em lutar pela vida, em qualquer espaço que estiver. Também é fruto das experiências vivenciadas em sala de aula como educador e educando. Trazemos nessa pesquisa o encanto, com tantos jovens que lutam por estudo, emprego, saúde, moradia e o necessário para sobrevivência.

Acreditamos numa juventude que ri, que canta, que se faz presente na luta e na esperança, que ousa trilhar caminhos de uma vivência solidária, que abre seu coração aos valores do Evangelho e é construtora dessa nova realidade, apresentando-nos de forma diversa as manifestações culturais que condicionam suas vidas, gerando novas formas de expressão da diversidade juvenil.

Sabemos que a educação é um desafio para todos nós, seja por questões políticas, sociais, culturais, econômicas ou pedagógicas. Ela é um dos espaços que agrega muitos jovens e adolescentes em nosso país, onde passam boa parte de seu tempo com as diversas atividades curriculares e complementares.

Dessa forma, entendemos a escola como um dos espaços possíveis de transformação social. Para que essa transformação aconteça é necessário o diálogo entre todas as pessoas envolvidas no processo educacional, unindo forças para a realização de um trabalho conjunto, aberto a outras realidades, possibilitando aos

¹ Credo da Pastoral da Juventude Estudantil – Texto elaborado na IX Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude Estudantil - Recife, 1999.

jovens a participação, o envolvimento, ajudando-os a desenvolver seus talentos, estando atentos à sua cultura, a suas aptidões e ao meio no qual estão inseridos.

Freire nos mostra que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, assegurando as experiências feitas pelos educandos

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação².

O autor nos mostra ainda que o conhecimento está além dos conteúdos e todos nós somos construtores do saber a partir das nossas vivências e experiências cotidianas.

A escola pode também ser entendida como um espaço de relações que buscam cuidar da vida para que a comunidade educativa cultive-as de forma profunda, assumindo-se como construtora da história.

Nessas relações de cuidado vem a dimensão evangelizadora que integra o projeto da escola católica, tendo como proposta refletir os valores do Evangelho, que são transformadores, criadores e geram a admiração, conflitos e mistério. O processo de educação, vivido como missão evangelizadora, pode possibilitar às pessoas uma mudança na forma de conceber o mundo, de relacionar-se, criando estruturas mais justas. “Educar é levar os outros a caminhar, a trilhar seus próprios percursos em busca da superação de limites”³.

Essa perspectiva da evangelização como parte integradora do processo educativo permite-nos compreender a educação como missão evangelizadora.

A pesquisa desenvolvida nesse trabalho pretende investigar o processo da evangelização dos jovens do ensino médio, vivenciado no ambiente escolar confessional, neste caso, o Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, situado na cidade de Vila Velha-ES, no ano de 2007. O mesmo é vinculado ao Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas, congregação religiosa fundada por Marcelino Champagnat, em 1817 na França. Essa pesquisa tem a finalidade de obter

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 44.

³ União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE) - Projeto Político Pastoral Pedagógico. Belo Horizonte: UBEE, 2003. p. 26.

informações que facilitem a análise da realidade observada e a composição de um projeto político pedagógico que contemple a dimensão pastoral.

Por meio da pesquisa indagamos como os alunos do ensino médio percebem a evangelização no colégio a partir de sua proposta pedagógica.

A hipótese que motiva a nossa discussão é até que ponto os alunos do ensino médio percebem a evangelização envolvidos numa relação do cotidiano escolar e de que maneira essa percepção acontece ou não de acordo com o planejamento e objetivos da proposta pedagógica do colégio.

Esse trabalho assume os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, apoiada no estudo de caso Bogdan⁴, na medida em que corresponde a um tipo de pesquisa que pretende analisar o processo de evangelização vivenciado no ambiente escolar confessional.

No processo da pesquisa buscamos também refletir acerca dos conceitos de juventude, religião, protagonismo juvenil e evangelização.

Como procedimentos metodológicos utilizamos como lócus da pesquisa o Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, na cidade de Vila Velha – ES; apoiados nos estudos de BOGDAN⁵, elaboramos os instrumentos de coleta de dados através de questionários e entrevistas. Fizemos, ainda, observações no campo da pesquisa e em seu entorno; analisamos documentos e interpretamos os dados coletados e, por fim, escrevemos o referido trabalho monográfico.

Os jovens escolhidos para a pesquisa foram alunos matriculados no ensino médio, na faixa etária dos 14 aos 18 anos, garantido a representação de todas as turmas do colégio, sendo escolhidos paritariamente, conforme sexo, série, avaliação do primeiro período, jovens que participavam de grupos e que não participavam de grupos. Também entrevistamos a diretora e o coordenador de pastoral do colégio.

Os questionários foram aplicados pelo pesquisador em três grupos no horário das aulas no próprio colégio.

Esses dados nos ajudaram a uma maior reflexão sobre o tema e possibilitaram o levantamento de outros aspectos que não foram desenvolvidos neste trabalho. Os temas desenvolvidos foram organizados em três capítulos.

⁴ BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto, 1994.

⁵ Ibid.

O primeiro capítulo dedica-se à reflexão do mundo numa grande aldeia global, considerando as diversas realidades na sociedade atual, trazendo os conceitos de juventude, religião e protagonismo juvenil. No que diz respeito à juventude, trabalharam-se vários conceitos, dentre eles: faixa etária, geração, biopsicológica e categoria social. Fizemos a opção em trabalhar com a categoria social, entendendo os jovens como sujeitos de direitos. Tais conceitos foram agrupados em paradigmas que estão presentes na sociedade brasileira. A religião é apresentada como um espaço simbólico, reconhecida em várias gerações, sendo um empreendimento humano que se relaciona com o sagrado, valorizando as manifestações históricas e culturais dos seres humanos. Ela tem certa influência na vida da juventude. O conceito de protagonismo juvenil trata de ações juvenis coletivas e participantes que constroem a autonomia dos mesmos, e o envolvimento da coletividade com a ação, gerando participação e cooperação social.

O segundo capítulo apresenta um pouco da história da Educação Marista no Brasil e no estado do Espírito Santo, trazendo elementos da pedagogia Marista e de sua ação evangelizadora. Apresenta também o processo pedagógico e pastoral dessa escola. Nessa pesquisa a educação Marista é entendida como uma das estratégias de evangelização dentro do espaço escolar e como objeto de análise, buscando compreender, por meio dela, elementos para confronto com os olhares percebidos pelos jovens.

O terceiro capítulo reflete a temática da evangelização, dialogando com alguns autores e documentos da Igreja Católica. Faremos um breve histórico da evangelização na América Latina, situando a juventude nesse contexto. Mostraremos também os diversos olhares dessa juventude, contrapondo com as teorias e alguns conceitos e se os mesmos respondem as propostas que o colégio realiza enquanto ação evangelizadora.

Nas considerações finais apontaremos algumas reflexões percebidas a partir da pesquisa sobre a evangelização dos jovens no Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, bem como algumas tendências e desafios, retomando os objetivos e a hipótese proposta para a investigação da pesquisa.

2 O MUNDO: UMA GRANDE ALDEIA GLOBAL

A discussão do mundo na perspectiva de uma grande aldeia global (GIDDENS, 2005)⁶ objetiva considerar as múltiplas realidades existentes na sociedade atual e possibilitar uma reflexão sobre a contemporaneidade, a diversidade juvenil, a compreensão da religião nesse universo e por fim o protagonismo juvenil.

2.1 O MUNDO NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Giddens⁷, os países ocidentais têm buscado criar alicerces sólidos para permitir o desenvolvimento da sociedade, impulsionados, especialmente, pelo pensamento racional refletido no movimento iluminista a partir do final do século XVII (GIDDENS, 2005)⁸. Essa nova conjuntura social que colocou o ser humano como senhor de seu destino, estimulou a crença de que somente por meio dos avanços técnico-científicos seria possível as instituições e a humanidade transporem algumas das dificuldades que, há muito, impediram-nas de aspirar a um novo futuro. Entretanto, essa nova situação de descobertas que permutou o homem do papel secundário para ator principal da grande teia de relações da vida, também trouxe conseqüências, no mínimo, curiosas para não dizer alarmantes.

Acontece que os avanços provenientes das ciências e da tecnologia desenvolvidos de forma globalizada, da mesma maneira que permitiram o encurtamento das distâncias entre os vários mundos, tornando-os um complemento

⁶ O termo aldeia global foi criado na década de 1960 por McLuhan, é uma metáfora utilizada para explicar o conceito de globalização. O termo sugere a idéia de que o mundo transformou-se em uma só comunidade. Para Giddens, a globalização é vista como parte da modernidade caracterizada efetivamente pela transformação do tempo e do espaço.

⁷ GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 13-45.

⁸ A revolução científica do século XVII (O Iluminismo) dirigiu o pensamento da época para as ciências físicas e matemáticas, estabelecendo uma visão mecanicista do mundo. No século seguinte, a visão mecanicista do mundo passa a ser aplicada ao estudo da sociedade. Filósofos desse século, ao estudarem a estrutura social, repararam que ela não se modificava como as outras coisas que também faziam parte do universo. Os filósofos achavam que esse imobilismo social era fruto do antigo regime (absolutismo) e que, portanto, era preciso derrubá-lo. Os ideais iluministas tiveram a coragem de criticar as instituições impostas pelo Estado absolutista, inclusive a própria Igreja. Essa nova visão de mundo rompeu laços com os velhos e desgastados dogmas religiosos, onde Deus era o centro do universo e colocou o homem em seu lugar. Agora o homem passava de criatura para criador, passava por definitivo a assumir um papel de maior envergadura perante o universo.

do outro, também influenciaram, sobre maneira, na vida cotidiana das pessoas em escala global e dessa forma fomentou, ainda mais, os riscos e as incertezas quanto ao futuro.

Essas transformações têm reestruturado, o modo como vivemos e alcançado aspectos tão íntimos e pessoais de nossas vidas que a todo instante somos chamados a discutir nossos conceitos e a repensar nossos princípios a respeito de assuntos como: ética, moral, sexualidade, diversidade cultural e principalmente o papel da família dentro desse novo contexto. Para o bem ou para o mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente, mas os efeitos se fazem sentir sobre todos nós⁹.

Dessa forma é possível compreender que o mundo não pode ser percebido sob a ótica de um indivíduo isoladamente e sim sob a ótica de toda uma coletividade. As conseqüências de nossos atos não ficam mais restritas ao nosso bairro ou cidade, podendo extrapolar as fronteiras nacionais e alcançar a todos em igual proporção.

O desenvolvimento técnico-científico também alcançou os meios de comunicação de tal forma a permitir uma re-democratização da notícia, levando conhecimento e informação a todos os cantos do planeta, mostrando em tempo real as transformações pelas quais o mundo vem passando. Em contra partida, da mesma forma que os meios de comunicação popularizam a informação, de modo indireto, também contribuem para alterar a própria estrutura da vida social.

A partir do momento em que os veículos de comunicação se tornaram um dos principais instrumentos da globalização no sentido de uma uniformização de comportamento, ela também fez surgir, como verdadeiro efeito colateral desse processo global, no seio da sociedade seguimentos específicos em prol da afirmação de suas identidades culturais. Dessa forma a globalização ou mundialização não pode mais ser observada exclusivamente sob o aspecto econômico, mas também político, tecnológico e sobretudo cultural.

Vivemos em um mundo em que os perigos criados por nós mesmos são tão ameaçadores, ou mais, quanto os que vêm de fora. Alguns são genuinamente catastróficos, como o risco ecológico global, a proliferação nuclear ou a derrocada da economia global. Outros nos afetam como

⁹ GIDDENS, op. cit., p. 17.

indivíduo de maneira muito mais direta, como por exemplo, os relacionamentos com a dieta, a medicina ou até mesmo o casamento¹⁰.

Tal afirmação nos possibilita perceber a multiplicidade de cenários nos quais os seres humanos estão inseridos e em condições de dialogar. Possibilita-nos também perceber que é necessário estabelecer o que se compreende por cultura, uma vez que os seres humanos estão nessa aldeia global envolvidos em inúmeras relações culturais, o que gera a produção de cultura.

Entender a cultura nos possibilitará uma reflexão contextualizada, pois estaremos tratando de questões, valores e situações que compõem e perpassam aquilo que estamos chamando de aldeia global. Dessa forma, iniciaremos a discussão a partir da origem da palavra.

Para um melhor entendimento, o termo cultura, proveniente do latim, *colere*, significa transformação, ação, modificação, gerência em favor de si e de outrem. Em termos morais e educacionais, cultura relaciona-se como um complexo de padrões de comportamento, de manifestações artísticas ou mesmo intelectuais transmitidos a uma coletividade e intrínsecos a um determinado povo. Esse traço peculiar a cada sociedade, por muitas vezes, se torna um fator da identidade nacional, distinguindo-a de qualquer outra sociedade.

Todavia, a idéia de que a cultura é insusceptível a mudanças pode ser equivocada. Assim como tudo no universo, a cultura está em constante transformação. As mudanças culturais, que antes se desenvolviam por meio de um processo lento e diferente em cada sociedade, hoje, com os avanços técnico-científicos, os velhos hábitos e costumes estão sendo readaptados ou até mesmo abolidos de forma abrupta no mesmo ritmo em que tem se transformado a sociedade.

Sandoval, afirma que a cultura,

dice relación con la capacidad productiva y creadora del ser humano. Esta capacidad creativa es la que distingue al ser humano como ser social. Es la capacidad de producir más allá de su propia naturaleza, no sólo cuestiones materiales, sino signos y símbolos; es la creación de un mundo comunicativo y de un mundo de lenguaje. Es este

¹⁰ GIDDENS, op. cit., p. 44.

sentido, toda persona es creadora de cultura, todo ser humano es culto¹¹.

É essa capacidade criativa do ser humano que possibilitará os múltiplos cenários em que os jovens estão inseridos. E não podemos desconsiderar que esses cenários encontram-se muitas vezes em constantes mudanças.

Dentre as mudanças no cenário sócio, político e econômico, em um mundo globalizado, nenhuma é mais importante do que aquelas que acontecem em nossas vidas pessoais e sociais. Por isso, devemos ressaltar que há uma mudança no comportamento humano, principalmente no que diz respeito à maneira como percebemos a sociedade, a nós mesmos e, também, no modo como formamos laços e ligações com outros. Esta é uma revolução que avança de maneira avassaladora e assimétrica sobre as mais diversas regiões e culturas do planeta, com maior impacto sobre a juventude.

Para a compreensão efetiva do papel da juventude na sociedade moderna – ou mesmo dos obstáculos que dificultam o reconhecimento ou a afirmação deste ser social – passa-se primeiramente pela compreensão da dinâmica da sociedade globalizada, da qual fazemos parte, devendo-se levar em conta os aspectos da globalização e seus vários efeitos nas civilizações, com maior destaque para as manifestações culturais que extrapolam as fronteiras nacionais e fundem-se a outras tantas existentes no mundo e principalmente seus efeitos para a formação da juventude.

Assim sendo, não se pode mais pensar a juventude (GROPPO, 2000, p. 12)¹² sob a perspectiva isolada de uma única sociedade e sim sob a perspectiva de uma grande aldeia global, na medida em que anseios e frustrações que afligem os jovens de hoje são comuns a todos, independentemente de raça, sexo, religião ou mesmo nacionalidade. “A modernidade é também o processo histórico-social de construção das juventudes¹³ que hoje conhecemos” (GROPPO, 2000, p. 15).

¹¹ SANDOVAL. M. Jóvenes del siglo XXI. Sujetos y actores en una sociedad em cambio. Santiago: UCSH, 2002. p. 163.

¹² A juventude é uma representação sócio-cultural e uma situação social; é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.

¹³ O termo juventude no plural é sugerido para que possamos dar conta da diversidade na vivência desta fase de transição à maturidade, ou de socialização secundária, denominada “juventude”. Essa utilização do termo no plural, chama-nos a atenção para a existência na realidade dos grupos sociais concretos, de uma pluralidade de juventudes.

Portanto, à medida em que os aspectos culturais tomam conotações semelhantes, a depender da influência que se deixam permitir, a própria identidade social e, conseqüentemente, a juventude se transforma amoldando-se à nova realidade.

2.2 OS JOVENS NA SOCIEDADE ATUAL

O ser humano, por viver em sociedade, está envolvido numa teia social que o acolhe e o exclui. Há aqueles que por fatores econômicos e sociais, (parcela mínima), participam de modo dinâmico dessa embricação. Há outros que, nesse jogo ou nessa relação de poder, são excluídos dos benefícios sociais, políticos e econômicos.

Por isso, não se pode analisar o comportamento social como reflexo único e exclusivo da subjetividade. Deve-se levar em conta, também, as circunstâncias sociais nas quais esse indivíduo está inserido. À medida em que o comportamento social se traduz como resposta proveniente dos vários fenômenos (políticos, econômicos e culturais) que permeia a sociedade moderna, e também da interação do indivíduo para consigo, chegamos a uma correta compreensão desta problemática que ora se discute. Deve-se considerar ainda os dois principais fatores que contribuem para a formação do caráter de um indivíduo: o fator endógeno e exógeno.

As mudanças provenientes do desenvolvimento técnico-científico têm gerado dúvidas entre os membros da sociedade, contribuindo, de tal maneira, para a distorção ou mesmo para a inversão de valores tidos por universais. Essa rede de transformações tem apontado para uma redefinição dos valores fundamentais no sentido de uma crescente ênfase aos “valores materiais” em detrimento de “valores pós-materiais” (SANTOS, 2003. p. 167)¹⁴ favorecendo, dessa maneira, o agravamento da crise em instituições em todos os sentidos.

¹⁴ Boaventura de Souza Santos, em sua obra: **Reconhecer Para Libertar - Os Caminhos do Cosmopolitismo Multicultural**, utiliza as expressões “valores materiais” para se referir a bens materiais e “valores pós-materiais” para se referir a bens imateriais. O autor acredita estarmos vivenciando os primórdios do capitalismo e como reflexo dos anseios de uma sociedade capitalista embrionária valoramos os bens de consumo. Ele acredita que em um segundo estágio da etapa evolutiva do sistema capitalista, onde já tenhamos superado a fase do consumismo, continuaremos a busca por novos bens para saciar nossos anseios só que esses bens serão de outra espécie os quais

Há uma unanimidade ao se afirmar que a falência das instituições deve-se, primeiramente, ao fracasso na educação. Quando as instituições de ensino, formadoras de conhecimento e marco delimitador da realidade concreta, social e pessoal, decidiram por fechar os olhos aos anseios de um mundo globalizado e continuaram a se pautar em conceitos arcaicos que não mais atendem à realidade social, isolando-se de novas perspectivas, de novas abordagens sócio-globalizadas, do comprometimento político-sócio-educativo local e global, levando ao fechamento e ao isolamento da potencialidade educativa. Além disso, a utilização dos veículos de comunicação social, de forma despreocupada para com assuntos como ética e moral, conduziu-os a uma banalização.

Envolto em uma gama crescente de informações e, conseqüentemente, de escolhas, as pessoas encontram-se muitas vezes obrigadas a tomarem decisões cada vez mais cedo, e os efeitos poderão ser sentidos por muito tempo, sendo que o principal delas já pode ser sentido no presente.

O fundamento dessa modalidade de alienação não é pertinente apenas à psicologia do jovem como tal, mas está relacionado com o modo pelo qual as pressões sociais e culturais afetam diferentemente as pessoas que vivem numa sociedade em crise de mudança¹⁵.

Também neste sentido a autora afirma:

Defrontado com a dificuldade de escolher entre alternativas de êxito pessoal e social que, de modo amplo, encaminha para a profissionalização técnica, para as realizações financeiras ou para a vida acadêmica, o jovem, quando não encontra suporte social para persistir na recusa e na oposição abstrata do estilo de vida adulto, descobre, seja por eliminação sucessiva, seja pela avaliação crítica das inconsistências da educação formal e da participação indiferenciada que, numa sociedade em crise, a alternativa de escolha mais coerente é a que conduz ao desentranhamento da crise, ao diagnóstico das falhas mais evidentes à desmistificação da liberdade ilusória das opções¹⁶.

A crescente demanda pelo conhecimento cria expectativa em toda e qualquer pessoa que queira se aventurar nessa grande aldeia global que oferece, de forma gradual, um mundo nunca antes imaginado, mas restrito a uma parcela mínima da sociedade. Essa mesma sociedade, de grupos específicos de poder, que

ele denomina de bens imateriais, a saber: a liberdade, a efetiva igualdade entre os homens, a tolerância à diversidade cultural, à família, a reinvenção dos direitos humanos, dentre vários outros.

¹⁵ FORACCHI, Marialice M. A Juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972. p. 34.

¹⁶ FORACCHI, op. cit., p. 34.

disponibiliza e oferece a globalização por meio de seus vários tentáculos, também toma-a, pois essa sociedade não abre mão de suas escolhas, o que pode se tornar um fardo pesado.

Entremeio a essa realidade situa-se a juventude como paradigma, sendo apresentadas diferentes concepções que fundamentam as ações dirigidas aos jovens. Esses paradigmas são percebidos na sociedade brasileira e são reforçados pelas pessoas que trabalham com esse grupo social.

Krauskopf apud Abramo¹⁷ apresenta essas abordagens em quatro tipos: a) a juventude como período preparatório – nessa abordagem a juventude é vista como um período de transição entre a infância e a idade adulta, gerando políticas centradas na preparação do mundo adulto; b) a juventude como etapa problemática – nessa perspectiva o sujeito juvenil aparece a partir dos problemas que ameaçam a ordem social ou o déficit de manifestações do seu desenvolvimento, as questões que emergem nesse caso são aquelas referentes a comportamentos de risco e transgressão; c) o jovem como ator estratégico de desenvolvimento – este paradigma está orientado a formação de capital humano e social para enfrentar os problemas de exclusão que ameaçam boa parte dos jovens e atualizar as sociedades para as exigências de desenvolvimento colocadas pelos padrões mundiais; d) a juventude cidadã como sujeito de direito – nessa perspectiva a juventude é compreendida como etapa singular do desenvolvimento pessoal e social, por onde os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por incompletudes ou desvios.

Os paradigmas apresentados ajudam-nos a visualizar as concepções de como a juventude é vista na sociedade atual. Posteriormente, eles serão retomados a partir da fala dos próprios jovens.

Diante desse cenário, não é possível compreender a juventude sem levar em consideração as suas vivências e circunstâncias sociais nas quais os jovens estão inseridos.

¹⁷ ABRAMO, Helena. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In FREITAS, Maria Virginia de (Org.). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-35.

2.2.1 Juventude ou Juventudes?

A compreensão de cultura estabelecida anteriormente por Sandoval será novamente confirmada neste item, pois entendemos os jovens como seres humanos repletos de símbolos e sinais na história.

Alpizar e Bernal¹⁸ afirmam que, a partir da segunda metade do século vinte, surgiram correntes de pensamento que questionam a “base natural” desses conceitos, definidos pelo seu processo psico-biológico, independente de condicionamentos históricos, econômicos e culturais que a produzem, incluindo gênero, etnia, preferência sexo-afetiva e juventude, entre outras. Essas perspectivas ajudam no entendimento da construção social da realidade que possibilita ver o sujeito agente de transformação, desconstrução, construção de si e do mundo que está a sua volta.

Nesse contexto, a juventude foi “explicada” e “entendida” a partir de diversas posturas e práticas reproduzidas por diversas instituições como Igreja, Família, Estado, Universidades, Meios de Comunicação Social, entre outros.

Segundo DICK¹⁹, “as culturas juvenis”, das quais tanto se fala atualmente, não são criações dos últimos anos. Elas sempre existiram, mas não mereceram a atenção que se poderia ter dado a elas, porque “não convinha”. Para ele, o desafio é das pessoas que se posicionam olhando para a juventude como sendo apenas uma palavra, e ainda aqueles que insistem em identificar a juventude com a adolescência.

Esse mesmo autor apresenta três questões fundamentais para quem deseja estudar ou aprofundar a discussão sobre a juventude: ter clareza se existe juventude ou juventudes; definir se esses grupos em questão são categorias sociais; e se a adolescência e juventude têm o mesmo significado.

A definição de juventude não é algo tão fácil. Tornou-se alvo de intensos debates acadêmicos e políticos. Durante muito tempo a juventude foi retratada apenas pela passagem da infância para a idade adulta. Essa idéia de “passagem” é

¹⁸ ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. A construção social da juventude. In: Mulheres e Jovens e Direitos Humanos. Manual de capacitação das mulheres jovens e a ampliação da CEDAW. São Paulo: REDLAC, 2004.

¹⁹ DICK, Hilário. Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História. São Paulo: Loyola, 2003.

muito presente entre os jovens entrevistados. Eles também têm diversos conceitos sobre si mesmos.

Ser jovem é a etapa da vida na qual todos passamos. Nela temos pergunta, indecisões, dúvidas ou até mesmo o que parecia comum, agora não sabemos se é normal ou certo. (PBS, 16 anos, 1º ano EM).

Para ser jovem é ter várias características, como faixa etária compreendida entre aproximadamente 13 aos 25 anos, tem o caso também do jovem ser aquele que tem uma missão, sendo ela espiritual e até mesmo concreta; é aquele que tem a função de mudar a sociedade para melhor. (RSS, 16 anos, 2º ano EM).

Por isso, pode-se dizer que esse modo de olhar a juventude, segundo o paradigma “a juventude como um período preparatório” é uma forma de conceituá-la nos dias atuais. Inclusive é o mesmo ponto de vista dos jovens em relação a si mesmos.

Esse conceito também é discutido por Abramo²⁰,

A noção do termo juventude é uma faixa de idade, um período da vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando este abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto.

A autora defende ainda que a noção de juventude seja socialmente variável. E que essa definição do tempo de duração, assim como dos conteúdos e significados sociais desses processos, modifica-se de sociedade para sociedade, inclusive na mesma sociedade ao longo do tempo e de suas organizações internas. O contexto social, onde os jovens estão inseridos interfere profundamente em suas vidas sob o ponto de vista social, econômico, afetivo, psicológico, educacional e cultural.

Eisenstadt apud Abramo²¹, afirma que “a delimitação de faixas etárias, correspondem a etapas do ciclo vital (do processo de crescimento e envelhecimento) é um fenômeno universal da vida social”, onde cada sociedade “define tais etapas atribuindo-lhes diversos significados e nem sempre isso resulta na constituição de grupos homoganeamente etários”. A autora continua dizendo que

²⁰ ABRAMO, Helena. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994. p. 1.

²¹ ABRAMO, op. cit., p. 2.

nas sociedades primitivas, a passagem entre o universo infantil e o adulto é altamente institucionalizada e ritualizada e os grupos etários têm funções e lugares definidos no sistema social²². Nesse caso, os grupos etários funcionavam como ponto de encontro entre os sistemas de personalidade de seus membros e o sistema social, articulando-se entre si.

Já nas sociedades modernas havia uma diferenciação nos critérios universalistas de distribuição de papéis e orientações universais. Dessa forma a passagem para a sociedade adulta tornava-se mais complexa. A autora fala de uma descontinuidade entre o mundo das crianças e o mundo adulto devido à acentuada divisão do trabalho, à especialização econômica, à segregação familiar de outras esferas institucionais e ao aprofundamento das orientações universalistas, implicando um tempo longo de preparação que, comparado às sociedades primitivas, é menos institucionalizados e com papéis mais definidos.

Nesse mesmo texto a autora trata de um elemento significativo para compreender a juventude na sociedade moderna que é a segmentação dos espaços de elaboração de identidades e das relações solidárias necessárias a transição de uma faixa etária para outra. A preparação é confiada à instituição escolar, cuja função é a transmissão de conhecimentos e valores para o desempenho da vida futura, inclusive profissional.

Essa responsabilidade voltada apenas para o espaço escolar provoca na sociedade moderna uma separação entre os jovens do mundo adulto e um longo prolongamento da maturidade social, desconectando-se da maturidade sexual e fisiológica.

Também o critério etário é utilizado pela Organização das Nações Unidas, a juventude é definida como um grupo de pessoas com idade de 15 aos 24 anos. Essa definição aconteceu em uma de suas assembléias gerais em 1985, oportunidade em que foi comemorado o Ano Internacional da Juventude. No nosso país, a noção construída é recente, com a criação do Conselho Nacional da Juventude e para fins de políticas públicas, é considerada a faixa etária de 15 a 29 anos para a juventude, “com divisão em subgrupos por agrupamento de interesses e afinidades,

²² ABRAMO, op. cit., p. 3.

caminhando na linha da definição pela necessidade de afirmação dos direitos juvenis”²³.

Essa concepção de passagem acentua os aspectos biopsíquicos, etapa do desenvolvimento que passa pelas mudanças físicas e psicológicas, como uma etapa de maturação do desenvolvimento humano, confirmando o paradigma da juventude como uma etapa problemática.

“É saber aproveitar a idade com todas as vantagens e problemas que um adolescente sofre. É uma faixa etária da sua vida, marcada pelas transformações do corpo e jeito de ser”. (MAL, 16 anos 2º EM).

Os paradigmas que vêm sendo abordados podem ser visualizados nas definições de alguns documentos que serão apresentados adiante.

O documento da Conferência Episcopal Latino Americana, intitulado *Civilização do Amor: Tarefa e Esperança*, afirma que “é quase impossível falar apenas de juventude, devido às variadas situações em que os jovens vivem, segundo as suas raízes e origens étnicas, suas influências culturais e suas condições políticas, sociais e econômicas”²⁴. Esse mesmo documento apresenta quatro visões de juventude: a) a visão biocronológica, definindo a juventude em termos de idade, sendo um período compreendido entre os 15 e 25 anos, no qual se toma consciência de estar vivendo uma realidade vital, distante da infância, mas ainda não identificada com o mundo adulto; b) visão psicológica, definido como um período conflitivo na vida da pessoa, em que ela vê a si mesma com a vida nas mãos, mas ainda não sendo adulta. A juventude nessa concepção é como um segundo nascimento, momento de passagem do mundo da família para o mundo exterior das responsabilidades e das decisões pessoais; c) visão sociológica, apresentando a juventude como um grupo social, com uma posição determinada dentro da sociedade; com identidade e valores próprios, embora mediada pela posição que ocupa em cada sociedade e influenciada pelo que essa sociedade impõe; também admite os diversos ambientes em que os jovens estão inseridos (jovens da cidade, do campo, estudantes, ribeirinhos, trabalhadores, universitários,

²³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais. CNBB.85. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 23.

²⁴ CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO (CELAM). *Civilização do Amor: tarefa e esperança: orientações para a pastoral da juventude Latino Americana*. Tradução de Hilário Dick. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 32-60.

operários, indígenas, afro-americanos, em situações de risco e outros); d) a visão cultural-simbólica, que procura ver na juventude o seu universo cultural definido por uma enorme variedade de formas de viver a vida e de encontrar sentido para a sua existência.

O documento, anteriormente citado, sinaliza os quatro paradigmas citados anteriormente por Abramo. Essa autora, juntamente com Groppo, também apresenta a juventude pelo viés da geração, que a sociedade moderna renomeou como “coorte”.

Abramo²⁵ (1994) e Groppo²⁶ (2000) falam do conceito de geração, também discutido do ponto de vista sociológico. Ambos citam Mannheim que procurou definir a geração como um fato coletivo, como uma forma de situação social. Ou seja, o conceito de juventude nessa óptica não é um grupo concreto como família, tribo ou seita. Enquanto um grupo social define-se como a união de um número de indivíduos através de laços naturalmente desenvolvidos ou conscientemente desejados, a geração é estruturalmente semelhante à posição de classe de um indivíduo através de laços naturalmente desenvolvidos ou conscientemente desejados. A geração é semelhante à posição de classe do indivíduo na sociedade.

Ela tematiza a possibilidade de problematização da herança cultural e a produção de um estilo peculiar de “sentir, pensar e agir” por parte dos jovens em cada contexto histórico particular. Esse conceito oferece uma maneira de examinar os vínculos entre determinadas manifestações juvenis, como um grupo geracional específico, e o momento que o produz. Mannheim apud Abramo²⁷ desenvolve esse conceito a partir da idéia de “similaridade de situação, no mesmo tempo histórico, com pessoas da mesma faixa etária, tendo uma localização comum na dimensão histórica do processo social”.

A temática em questão pode ser estudada sob outras perspectivas. Nas últimas décadas vem sendo feita uma discussão da juventude como construção social. Devido às mudanças ocorridas em cada geração há uma dificuldade em conceituar esse universo juvenil.

Levi e Schmitt afirmam que:

²⁵ ABRAMO, op. cit., 1994.

²⁶ GROPPPO, op. cit., 2000.

²⁷ ABRAMO, op. cit., p. 47.

A juventude como construção social: em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores. De um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX, da organização do campagnonnage no ancien régime ou na cidade antiga²⁸.

Diante da afirmação acima, podemos perceber que em cada contexto histórico, social, cultural e econômico a juventude é entendida com significados diferentes. Por esta razão, de acordo com o paradigma sujeito de direitos, compreendemos a juventude como sujeitos integrais para os quais se fazem necessárias políticas articuladas que garantam de forma integral e diversificada as suas necessidades, assim como as suas capacidades de contribuição e participação.

Gropo²⁹ destaca que a participação nos grupos marca de maneira significativa às vivências juvenis, uma vez que constroem identidades diferenciadas nos jovens, de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo particular, inclusive em casos de coincidência étnica, de classe, gênero e localidade. Essa característica das juventudes vem comprovar a diversidade sócio-cultural apresentada pelos pós-modernos.

Para ele a multiplicidade das juventudes não se fundamenta num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade diversa, inteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio-culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criaram e recriaram as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual, projetos e ações que fazem parte do processo civilizador da modernidade.

Teixeira³⁰ afirma que compreender a juventude é uma possibilidade de desvelar o que se passa na sociedade e como ela se renova e se recria em novas formas de organização social. É identificar os meios que a juventude encontra para inserir-se socialmente.

²⁸ LEVI. Giovanni; SCHIMITT. Jean Claude. História dos Jovens vol.1: da antiguidade à era moderna. Tradução de Cláudio Marcones, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 14.

²⁹ GROppo, op. cit., p. 17.

³⁰ TEIXEIRA, Carmem Lucia. O Grupo de Jovens: espaço de formação política. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. p. 55.

Diante da reflexão feita até o momento concordamos com Abramo e Groppo quando apresentam a juventude como categoria social, sendo algo mais que uma faixa etária, não sendo um grupo coeso. Essa forma de compreendê-la tem uma importância muito grande para o entendimento das diversas características das sociedades modernas, o seu funcionamento e suas transformações, assegurando-lhes as políticas necessárias para o suprimento de suas necessidades.

Acompanhar essas transformações dos significados e vivências sociais das juventudes (GROPPO, 2000, p. 18-19)³¹ é um recurso iluminador para o entendimento das transformações dessa modernidade em diversos aspectos, como a arte, a cultura, o mercado de consumo, o lazer, as relações cotidianas e a religião.

Contudo, teremos oportunidade de constatar qual a compreensão que os jovens têm deles mesmos, a partir dos paradigmas apresentados anteriormente.

2.2.2 Os jovens por eles mesmos

Acredito nos jovens à procura de caminhos novos abrindo espaços largos na vida. (Cora Coralina)

Temos a oportunidade de observar o que os jovens falam a respeito de si. Os entrevistados nessa pesquisa fazem parte de um universo de 34 milhões, se considerarmos o último censo da população realizado no ano 2000, o que representa 20% da população brasileira entre 15 e 24 anos³².

Os entrevistados são jovens de 14 a 17 anos, alunos e alunas do Ensino Médio de uma escola particular católica, situada no centro de Vila Velha-ES.

De certa forma observaremos que na fala dos jovens entrevistados os paradigmas propostos por Abramo estão presentes no seu discurso, confirmando o modo de como eles olham para si mesmos.

³¹ GROppo, afirma que até o início do século XX, havia uma noção engendrada pelas práticas e posições das Instituições frente à juventude, que foi legitimada pelas ciências modernas. Ao desvendar esse paradigma mais geral da criação das juventudes na modernidade, iremos nos deparar com a dificuldade de aplicação do ideal de juventude, como uma fase transitória e de aquisição da maturidade social, em relação à realidade sócio-cultural múltipla e complexa. A diversidade das juventudes modernas é um dos frutos das contradições dos projetos modernizadores que objetivaram criar as faixas etárias preparatórias à maturidade. O entendimento dessa diversidade passa pela aplicação combinada de outras tantas categorias sociais, que assim como a juventude, se referem a realidades sociais contraditórias: classe social, estrato social, etnias, gêneros, oposição urbano-rural, relação nacional-local, global-regional.

³² BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. Censo Demográfico do Ano 2000. Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2001.

Existem muitas contradições nas falas, apresentam a juventude como tempo de curtidão, por outro lado os jovens acham que é um tempo de planejar o futuro, e tempo de responsabilidades o que caracteriza o paradigma do jovem como ator estratégico, em que deixam de ser problema e passam a ser a solução para responder aos desafios lançados pela sociedade.

“Ser jovem é ser divertido, espontâneo, gostar de brincar, aproveitar as situações ao máximo, ter curiosidades para explorar, gostar de aventuras... (LCS, 17anos, 3º EM);

“É saber aproveitar o melhor da vida, mas sem prejudicar a saúde, sair com os amigos, dançar. Ser jovem não é só ter idade de 17 a 24 anos e sim curtir o momento presente”. (TMA, 17 anos, 3º EM);

“É ter energia suficiente para estar em eterno conhecimento e aprendizado, buscando a expressão individual de cada um respeitando as diferenças. Ser jovem é ter a capacidade de fazer mudanças, trabalhar e estabelecer os rumos para o futuro”. (LPB, 16 anos, 2ºano EM).

Alguns falam de maneira positiva a respeito de sua juventude, sendo presentes em suas falas a alegria e a espontaneidade como características da juventude, a preocupação com o futuro e o mercado de trabalho. Outros falam de autonomia e liberdade. Também sinalizam para a importância da formação da consciência crítica como meio de ajudar a solucionar os desafios que venham a surgir no decorrer da vida, reforçando mais uma vez o paradigma da juventude como ator estratégico de desenvolvimento.

“É carregar a responsabilidade do futuro, ser jovem é estudar, é também curtir a vida” (MAX, 15 anos, 1º ano EM)

“É ser livre, poder errar e tentar outra vez, ou seja, ser persistente, correr em busca dos sonhos e aproveitar todos os momentos com a máxima felicidade” (PZ, 17 anos, 3º ano EM).

Poucas são as falas que configuram o jovem como sujeito de direitos, talvez seja devido à falta de visibilidade dos jovens de não conseguirem delimitar quais os processos de sua condição que remetem direitos. Mesmo assim algumas falas se aproximam dessa perspectiva.

“Ser jovem vai muito além da idade, é questão de responsabilidades de maturidade. A partir do momento em que se assumem responsabilidades e

são cumpridas, pode-se dizer que você é responsável pelos seus atos, isso é sinal de maturidade. Hoje em dia, é raro enxergar isso nos jovens, porque são fáceis de manipular e acabam iludidos pelo mundo do consumismo. (RRVB, 16 anos, 2º ano EM);

“É ter opinião formada e crítica sobre diversos assuntos e ao mesmo tempo procurar aprender mais sobre os desafios que enfrentará no decorrer da vida”. (GO, 17 anos, 3º ano EM).

Participam dos diversos grupos 50% dos entrevistados. Os mesmos afirmaram que os grupos são espaços de socialização e de conquistas. Diversos são os grupos de que eles participam: ligados à religião (grupos de jovens, crisma, grupo de voluntariado); esportes (natação, futsal, vôlei); Arte e cultura (dança, teatro, música); outros (grêmio estudantil, grupo de amigos).

A importância da participação em grupos afirmada pelos jovens entrevistados confirma que as vivências juvenis são marcadas pelos grupos na construção de sua identidade, e ainda possibilita a socialização havendo troca de conhecimentos, ou seja, dessa forma eles contribuem como espaços educativos.

Diante das leituras estabelecidas pelos próprios jovens, reafirmamos a necessidade de considerar o tempo e o espaço, ou seja, a história e os diversos cenários que contextualizam essa juventude. Essas leituras nos levam a crer que os paradigmas apresentados por Abramo possibilitam-nos estabelecer uma proximidade da visão que os próprios jovens têm de si e de outros.

Além de gênero, raça, opção sexual, estilo, gosto musical, classe, a religião também pode ser considerada como um dos aspectos que compõe a grande diversidade juvenil no nosso país.

Nesses diversos cenários, encontra-se a religião como um espaço simbólico reconhecida em várias gerações, tendo certa influência na vida da juventude. Fazemos essa afirmação baseado no resultado das entrevistas que será discutido posteriormente. Dessa forma, nos propomos a analisar a religião a partir do conhecimento e da compreensão de um mundo repleto de sentidos e significados, estruturado em sistemas simbólicos.

2.3 OS JOVENS E A RELIGIÃO

“Não há como unificar os homens, nem agrupá-los numa única fé e nem tampouco porque. E é bem mais bonito saber que Deus manifesta-se de muitas formas diferentes e de que em nenhum lugar é ausente”. (Ogundana, O Alabê de Jerusalém)³³.

Segundo a pesquisa do projeto juventude realizada pelo Instituto Cidadania divulgada em 2004, a religião é apresentada como um assunto de destaque entre os temas que os jovens gostariam de discutir, não só com os seus pais, mas também com os amigos e a sociedade³⁴.

Isso pode ser confirmado a partir dos jovens nessa pesquisa, em que 89% dos entrevistados dizem que professam alguma religião; 8% não professam e 3% não responderam. Das religiões professadas encontramos um número expressivo de católicos 71%, 6% espíritas; 3% presbiteriana; 3% batistas, 11% sem resposta e 6% declaram-se sem religião, mas acreditam em Deus. Os gráficos encontram-se em anexo e esse assunto voltará a ser retomado.

Segundo Durkheim³⁵ a religião pressupõe uma classificação de todo o conteúdo da experiência humana em duas categorias integralmente opostas: o sagrado e o profano. O profano é o domínio da experiência cotidiana; o sagrado é superior ao profano quanto à dignidade e exprime uma seriedade superior.

Durkheim, pioneiro da sociologia da religião, supôs que a religião fosse fonte de toda a cultura mais elevada. Ele descreve sete características adicionais ao sagrado: 1- como um aspecto do que é experimentado, inclui primeiro reconhecimento do poder, ou força, ou crença; 2- ambigüidade- as coisas e as forças sagradas são ambíguas, pois são físicas e morais, humanas e cósmicas ou naturais, positivas e negativas; 3- não utilitárias; 4- não empíricas; 5- não envolve conhecimento; 6- é o seu caráter de apoio e fortalecimento; 7- faz exigência ao crente ou praticante.

³³ VELOSO, Altair. Alabê de Jerusalém. Manaus: Avatar produções, 2006. 1 DVD (252 min). Direção de Bárbara Veloso, Produção de Altair Veloso.

³⁴ NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

³⁵ MARTELLI, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 5-104.

Apesar de inúmeras divergências, Weber³⁶ se aproxima do conceito de Religião de Durkheim à medida em que compreende esta a partir de uma perspectiva simbólico-cultural, a religião é concebida como depositária de significados culturais fundamentais pelos quais indivíduos e coletividade são capazes de interpretar a própria condição de vida, construir para si uma identidade e dominar o próprio ambiente. A teoria weberiana restituiu à religião uma posição autônoma, reconhecendo sua autonomia e capacidade de exercer um papel independente nos processos sociais.

Essa aproximação possibilita-nos estabelecer um diálogo entre Durkheim e Weber que sugere uma inclinação para certos tipos de doutrinas religiosas por parte das pessoas influenciadas por sua posição social numa sociedade. Mostra-nos, também, que algumas idéias religiosas refletem características mais universais da condição humana e, por isso, têm uma atração ampla que transcende as divisões de estratificação social. Ainda apontam que a mudança social e, sobretudo, a desorganização social provocam uma perda de consenso cultural e de solidariedade de grupo e levam os homens a uma busca de comunidade, isto é, fazem com que procurem novos valores que possam aceitar e novos grupos a que possam ligar-se.

Berger³⁷ afirma que a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmo sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada (BERGER, 1985, p. 38-39)³⁸ O autor comenta que as manifestações históricas do sagrado variam muito por conta das questões culturais, mesmo havendo algumas uniformidades, resultado da difusão cultural e da imaginação religiosa do homem. Para ele, a religião é a mais audaz tentativa de conceber o universo inteiro como algo humanamente significativo.

A religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto máximo da alta exteriorização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo³⁹.

³⁶ Ibid.

³⁷ BERGER, Peter L. O dossel sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 15-41.

³⁸ O autor define o sagrado como uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia relacionado a ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou a objetivações da cultura humana.

³⁹ Ibid., p. 41.

A visão do sagrado que antes era tido como a única explicação para o sentido da vida e da existência humana passa a ser questionada em tempos de modernidade. Com essas mudanças ocorreram o desencantamento e a desvinculação da subjetividade do mundo mágico e encantador. Com esse desencantamento foram surgindo novas estruturas na organização da sociedade.

Abre-se um novo paradigma no universo religioso, onde a ciência tende a ocupar o lugar da religião e esta tem que encontrar novos espaços na complexidade social a partir da revisão do seu papel do enfrentamento de posturas tradicionalistas e fundamentalistas e de uma adequação.

De acordo com O’dea⁴⁰, nas sociedades organizadas a religião é uma das estruturas institucionais importantes que constituem o sistema social total. A religião tem sido caracterizada como a corporificação das mais sublimes aspirações humanas, como uma garantia de moralidade, como uma fonte de ordem pública e paz individual e interior, como enobrecedora e civilizadora em seu efeito sobre a humanidade. Tem sido acusada como obstáculo ao progresso, e como incentivadora do fanatismo, da intolerância, da ignorância, superstição e obscurantismo.

Para Boeving⁴¹ a religião é um processo relacional desenvolvido entre os seres humanos e os poderes por ele considerados sobrenaturais, estabelecendo uma relação de dependência com esse ser. Essa relação pode se dar através da confiança e do medo, passando por conceitos como moral e ética, que andam atreladas à religião, como também vale-se de cultos, ritos ou reuniões solenes e festividades. Porém, a religião não está na esfera da racionalidade pura, mas também não chega a valer-se da irracionalidade. Vale-se inclusive da razão para poder se aprofundar em alguns conceitos da fé, mas não tem como característica principal esse tipo de conhecimento.

O autor ainda cita Küng e afirma que a religião não pode possibilitar tudo, mas ela pode abrir e proporcionar um mais em termos de vida humana. A religião consegue transmitir uma dimensão mais profunda, um horizonte interpretativo mais abrangente face à dor, à injustiça, à culpa e à falta de sentido.

⁴⁰ O’DEA, Thomas F. Sociologia da religião. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969.

⁴¹ BOEING, A. O Fenômeno Religioso como experiência universal [artigo]. Disponível em: <http://ead.marista.edu.br/moodle/mod/resourcer/view.php?id=179>. Acesso em: 21 ago. 2007.

Diante desses autores cabe-nos citar Silva⁴², afirmando que o mundo globalizado força a religião a ficar mais difusa, eclética, dialogando com várias fontes e buscando se adaptar às necessidades humanas bem como as conseqüências das relações humanas.

Nesse contexto, há uma busca para superar uma sensação de vazio causada nas pessoas, uma vez que pode ocorrer certa inversão de valores em que todos querem ser aceitos e reconhecidos.

Tomando então como chave de leitura para essa reflexão, concordamos com Berger que apresenta a religião como um empreendimento humano que se relaciona com o sagrado, valorizando as manifestações históricas e culturais dos seres humanos.

A religião é oferecida como um dos caminhos para atender os jovens e seus anseios. Todavia, nem sempre essa oferta religiosa atende os desejos da juventude, uma vez que oferecem cultos pouco dinamizados, missas descontextualizadas e pouco dinamizadas e algumas vezes apresentando exageros, hipocrisias, cobranças e proibições. É certo, também, que nem sempre os dogmas ou orientações são acatadas pelos jovens, sejam frente ao aborto, aos métodos anti-conceptivos, homossexualidade, sacramentos, drogas e os avanços nas pesquisas voltadas para a genética.

Diante das questões citadas anteriormente, são inúmeras as posturas dos jovens. Segundo Schmidt⁴³, eles possuem três atitudes em relação à religião. A primeira é a de tratá-la como algo importante e interior, que cabe a cada um acreditar. A segunda é a atitude daqueles que acreditam e participam muito pouco, se limitando a participações eventuais. E a terceira é daqueles que acreditam e participam ativamente dos grupos da Igreja. Para o autor, esses últimos sentem que a religião dá sentido e influencia as suas vidas, mas tal compreensão não os impede de fazerem suas críticas. Enfim, num emaranhado de relações, os jovens buscam, nas relações com o sagrado, possibilidades de alimentarem-se, de crescimento na fé e de sentido de vida.

Teixeira afirma que a religião

⁴² SILVA, Lourival Rodrigues da. A Religião em tempos de Pós-Modernidade e a Juventude. *Revista Redemoinho*, Porto Alegre, 2006, p. 41-46.

⁴³ SCHMIDT, João Pedro. O que pensam os jovens hoje. Imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari. Santa Cruz do Sul: Clarice Agnes, 1996.

É um espaço simbólico privilegiado para o encontro dos jovens em grupos que influencia, diretamente sobre suas vidas. Onde a religião tem um vínculo mais tênue com os jovens ligados a emoção, mais subjetivos e não mais vinculados a religião dos pais, evidenciando um desenraizamento ou uma descontinuidade do modo de viver e expressar a religião⁴⁴.

Concordamos com a autora quando apresenta a religião como sendo um espaço que agrega os jovens com ideais em busca da transformação e da mudança social, o que favorece a formação de uma identidade política de maior participação em atividades e organizações.

Compreender tais concepções sobre o tema da religião se faz necessário se realizarmos um estudo referente ao protagonismo juvenil. Todavia tal estudo será feito a partir da realidade brasileira, ou seja, um país laico, apesar de o Cristianismo ser a religião predominante, a Igreja Católica deixou de ser hegemônica, o catolicismo na construção histórica desse país está presente na formação da cultura desse povo, e os jovens atualmente confessam sua fé de diversas maneiras, alguns mais intimistas, outros descomprometidos com a realidade, outros numa prática mais parecida com terapias, outras com uma postura enraizada na realidade, enfim, diversas práticas se deparam com dois modelos de Igreja e que influenciam os jovens. Um centrado na perspectiva processual na comunidade, como proposta de intervenção social, anunciadora e denunciadora do Evangelho; outro, centrado na hierarquia, fundamentado na autoridade e que defende a observância da fé a partir de Roma.

É verdade também que no Brasil o pentecostalismo exerce uma atração na juventude, ligada a experiências afetivas e pessoais, possibilitando a qualquer pessoa o direito de falar em línguas, a pregar e ter acesso a Deus sem mediações.

Enfim, podemos afirmar que a religião, seja pelo viés cultural, social ou político, tem um papel relevante na vida da juventude, sobretudo no que diz respeito à agregação de jovens, com ideais de transformação da mudança social como garantia de direitos, possibilitando de fato o protagonismo juvenil.

⁴⁴ TEIXEIRA, op.cit., p. 76.

2.4 PROTAGONISMO JUVENIL

Tendo compreendido o significado da religião e tendo estabelecido o recorte historiográfico que define nosso tempo e espaço, estamos em condições de aprofundar a nossa reflexão sobre o protagonismo juvenil.

A palavra protagonismo, segundo o Dicionário Houaiss⁴⁵ vem do grego, *protagonistés*, que quer dizer “aquele que desempenha o papel principal em uma peça teatral”.

Para Costa⁴⁶, o protagonismo juvenil é um tipo de ação, de intervenção no contexto social para responder a problemas reais, em que o jovem é sempre o ator principal, e está numa posição de centralidade. O termo vem da junção de duas palavras gregas: *protos*, que significa o principal, o primeiro, e *agonistes*, que significa o lutador, contendor. Quando falamos de protagonismo juvenil, estamos falando objetivamente, da ocupação pelos jovens de um papel central nos esforços por mudança social⁴⁷.

O autor define ainda, o protagonismo juvenil como:

A participação dos adolescentes em atividades que extrapolam o âmbito dos interesses individuais e familiares e que podem ter espaço a escola, a vida comunitária e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário⁴⁸.

Esse autor apresenta o protagonismo na linha da participação. Acredito que esse tema é mais amplo e os processos precisam ser feitos de forma coletiva buscando a construção do sujeito e de sua autonomia. Veremos esses elementos na abordagem feita por Iulianelli sobre o protagonismo juvenil.

Conforme Iulianelli⁴⁹, o tema em questão é discutido há mais de doze anos entre educadores na América Latina. Ele apresenta um questionamento em relação ao protagonismo juvenil, como uma estratégia de reprodução social dos movimentos sociais. Também faz uma crítica direta, quando o termo é visto de forma

⁴⁵ DICIONÁRIO HOUAISS. São Paulo: Objetiva, 2006.

⁴⁶ COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil- Adolescência, Educação e Participação Democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 150.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 176.

⁴⁹ IULIANELLI. In *Jovens em tempo real. Juventude: construindo processos - protagonismo juvenil*. Rio de Janeiro: DP&a, 2003. p. 54-75.

vanguardista que o conceito guarda, quer para uma visão progressista ou conservadora. Primeiro ele apresenta o protagonismo vanguardista com uma característica que a torna elite geradora de mudança e de transformação. Segundo a ótica conservadora, referindo-se a empreendimentos isolados, capazes de motivar por meio da ação geradora que a iniciam. Essa idéia de protagonismo reforça o paradigma do jovem como ator estratégico de desenvolvimento.

Nos casos apresentados acima, o autor analisa o conceito com a origem cênica: ator principal, com o qual os demais contracenam numa situação de subordinação ou com uma diretividade apontada por ele. Nesse caso, o protagonismo é dirigido apenas por esse papel fundamental que explica o sentido da peça. Não há como entender a peça sem a função principal desse ator.

Como atores sociais, sabemos que na América Latina é comum a articulação da juventude acerca de direitos fundamentais, como por exemplo, segurança alimentar, hídrica, habitacional e educacional. Sabemos também que a violência atinge diretamente os jovens, e que a saúde pública também atinge a juventude. Há uma superação de discursos meramente ideológicos, para uma discussão a partir de uma demanda social. Sem abandonar as ideologias, os jovens propõem o diálogo a fim de superar a violência, a miséria, a fome, a falta de lazer, a poluição e o preconceito.

A partir da leitura de Lulianelli, percebemos que o conceito de protagonismo juvenil trata de ações juvenis coletivas e participantes em que se constroem a autonomia dos participantes e o envolvimento da coletividade com a ação, por conseguinte não supõe um mecanismo de geração de lideranças individuais, elites, mas a geração de participação e cooperação social. O protagonismo juvenil seria um modelo pedagógico-político de ação educativa que relaciona jovens e educadores, ou somente jovens, na construção de um processo de intervenção sociocultural. Essa intervenção social parte do modo de ser dos grupos e comunidades e propõe um processo de criação do cotidiano com uma perspectiva de construção de maior participação e cooperação social em vista da superação das desigualdades sociais. Se olharmos o protagonismo juvenil nesse prisma, teremos a garantia dos jovens como sujeitos de direitos.

São esses jovens que tomam seus postos nas grandes discussões sobre fomentação de recursos, sobre a execução e a avaliação. Eles intervêm nas

realidades locais e projetam ações de maior impacto e resultados para suas realidades.

Ao falar de protagonismo juvenil somos provocados a pensar na perspectiva da construção de uma identidade juvenil e de sua inserção na sociedade como sujeito da história. Assumir-se como protagonista passa a ser então assumir a construção de sua identidade, de sua personalidade integral, e a construção da dimensão personalizante, socializante, teológico-teologal, vocacional, política, relacional e de agente social.

Por essa razão, trabalho com a idéia que os grupos de jovens organizados nos diversos espaços eclesiais podem ser espaços geradores de protagonismo, cabendo aos assessores⁵⁰ a tarefa de ajudar os membros do grupo a assumirem as responsabilidades individuais e coletivas como elementos da formação ética, moral e cidadã na sociedade da qual fazemos parte.

Boran⁵¹, no seu livro *O futuro tem nome juventude* afirma que:

Os adultos na Igreja precisam valorizar uma Pastoral da Juventude em que o jovem possa ter responsabilidade própria. É preciso garantir o caráter leigo da pastoral, evitando os dois extremos: assessores paternalistas e ditatoriais, ou assessores omissos, sem nenhuma influência.

Os jovens que participam de grupos ligados à religião, no caso dos jovens da Pastoral da Juventude Estudantil, passam a ter um referencial que é a pessoa de Jesus Cristo, que em sua prática a vida era sempre colocada em primeiro plano. Essa atuação está ligada a um ideal religioso.

Para Teixeira⁵², analisando a realidade desses grupos ligados à Pastoral da Juventude,

O protagonismo está no “espírito de Jesus”, que tem uma atuação, “caminhou com o povo” e o exemplo dele “nos convida a fazer o mesmo”. Por isso é uma atuação fundada na pessoa de Jesus e essas idéias religiosas alimentam o compromisso de assumir tarefas, lideranças e a alterar com a mesma rebeldia de Jesus a realidade. (...) Esse atuar com base nos princípios dessas idéias religiosas, supõe que os jovens fizeram um caminho no grupo e que o grupo recebeu uma formação sistemática, capaz de provocar um processo de amadurecimento na vida dos jovens.

⁵⁰ O assessor é o adulto que faz o acompanhamento dos jovens e do grupo em seu crescimento, ajudando-o a desenvolver suas próprias potencialidades.

⁵¹ BORAN, J. *O futuro tem nome: Juventude*. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 301.

⁵² TEIXEIRA, op. cit., p. 117.

A partir dessa constatação, também concordamos com Dick ao afirmar que o protagonismo juvenil significa carregar no bojo de nossa proposta a necessidade do compromisso com realidades concretas, que possibilitem sua vivência enquanto sujeito, num processo educativo de afirmação das personalidades movendo-se em espaços diferenciados.

Assumir-se como protagonista é assumir sua identidade, inserindo-se na história social como sujeito e não como aquele que realiza os comandos de outra pessoa.

3 UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO MARISTA

Neste capítulo pretendemos resgatar a história da Educação Marista no Brasil e no estado do Espírito Santo, a fim de contribuir nas reflexões e análises dos dados obtidos por meio desta instituição. A Educação Marista nesta pesquisa é entendida como uma das estratégias de evangelização dentro do espaço escolar e como objeto de análise, buscando compreender por meio dela elementos para confronto com os olhares percebidos pelos jovens.

Ao olharmos a Educação Marista poderemos refletir até que ponto ela contribui para o protagonismo juvenil e se a formação oferecida tem influência na vida dos seus educandos.

3.1 A EDUCAÇÃO MARISTA NO BRASIL

A Educação Marista surgiu na França, baseada nas experiências vivenciadas por um jovem camponês da aldeia de La Valla chamado Marcelino José Bento Champagnat, que nasceu a 20 de maio de 1789, em Marlihes, França, um povoado onde a maioria dos jovens e adultos era analfabeta. Vive sua infância no contexto das mudanças provocadas pela Revolução, onde os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade pairavam sobre a França, oriundos da Revolução Francesa que causou impacto em diversos lugares do país.

A sua família exerceu forte influência sobre sua formação. Os seus pais o ajudaram a crescer como um cidadão e o educaram no aprofundamento da fé, tendo uma vida de oração e grande devoção a Maria, influenciado pela sua mãe e sua tia que era religiosa.

A virtuosa senhora, notando no sobrinho admirável disposição para a piedade, gostava de ensinar-lhe os mistérios da religião, fazê-lo repetir orações e narrar-lhe fatos da vida dos santos. A devoção a Santíssima Virgem, aos santos anjos da guarda era frequentemente o assunto das suas instruções e conselhos⁵³.

⁵³ FURET. Jean Baptiste. Vida de São Marcelino José Bento Champagnat. São Paulo: Loyola, 1999. p. 4.

Todo seu processo de educação foi marcado pela religião e por valores que estão se estruturando nesse período. Marcelino Champagnat foi despertado para o valor da educação. Educado para a disposição ao outro, a compaixão e atitude para ouvir as pessoas o fez sensível a enxergar essa ausência na realidade onde viveu.

O jovem Champagnat sempre recordava dos ensinamentos cristãos deixados por sua tia. Era perceptível por conta da maneira que ele se expressava, pois vivia se lembrando das suas instruções e conselhos. Conservou afeição e gratidão por ela a vida inteira.

Sua formação intelectual foi muito difícil. Foi à escola, mas se recusou a freqüentá-la depois de testemunhar no primeiro dia de aula uma agressão do seu professor a um colega de turma. Após esse incidente, e com o apoio de sua família, passou a dedicar-se ao trabalho na propriedade dos seus pais. Marcelino cuidava dos cordeiros doados pelo seu pai. Era um comerciante e aos 14 anos já arquitetava planos de lucro e fazia algumas economias. Certa vez, interessou-se pela vida sacerdotal, com muita dificuldade entrou para o Seminário e foi ordenado padre. Durante sua vida presbiteral se indignou com a falta de instrução especialmente das crianças e jovens, e se encantou pelo processo de iniciação na fé.

A formação da juventude fez parte do sonho de Champagnat que após a sua ordenação preocupou-se com a formação dos jovens que desejavam ser Irmãos, instruindo-os e ajudando-os a desenvolverem-se humana e espiritualmente.

A sociedade francesa acabara de sair do caos que a Revolução havia deixado e foi nesse contexto que surgiu o Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas como uma instituição da Igreja Católica Apostólica Romana, fundado em 02 de janeiro de 1817, em La Valla na França, por Marcelino José Bento Champagnat como resposta a essa necessidade tão presente e a sua urgência.

“Antes de pensar numa congregação religiosa, Marcelino Champagnat concebeu um projeto de intervenção social através da educação de uma nova geração”⁵⁴.

Essa geração estava para além do seu tempo em busca da construção de um mundo novo. Um dos elementos importantes do seu projeto era a intervenção no contexto social. Do mesmo modo que ele agiu em seu contexto social, os

⁵⁴ ALVES, Manoel. Universidade e Educação Marista. [artigo elaborado para encontro com professores da PUCRS]. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/reflexoes/encontro/2003-3/documentos/04-Universidade-e-Educacao-Marista-Manoel-Alves.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

educadores atuais são chamados a uma intervenção eficaz e transformadora levando em conta as transformações dessa grande aldeia global.

O autor ainda comenta que:

A opção de Marcelino Champagnat pela educação escolar nasce também da sua percepção e da sua sensibilidade ao incomensurável potencial evangelizador latente no processo educativo. A opção pela educação escolar nasce da crescente compreensão que ele experimenta de que cultura, ciência e conhecimento são fatores potencialmente favoráveis para promover o encontro, o diálogo e a simbiose entre fé e vida, entre vivência religiosa e cidadania. (...) A educação é apenas o meio privilegiado para conduzir os jovens à experiência de fé⁵⁵.

Champagnat, a fim de prosseguir com sua ação evangelizadora, e também educadora, passou a contar com o apoio de jovens que o auxiliaram na catequese e na alfabetização. Essa iniciativa de Champagnat foi tomando grandes proporções, inicialmente foi muito criticada, mas, após discussões e avaliações, foi reconhecida pela Igreja, e passando a atuar não só na França, mas também em outros países, dentre eles, o Brasil. Cabe ressaltar que somente em 1863 o Instituto dos Irmãos Maristas foi oficialmente reconhecido pelo Vaticano, seu fundador já havia falecido.

Quando os Irmãos Maristas chegaram ao Brasil, 1897, encontraram um país que há pouco proclamara sua república, em 1889, ou seja, um país que mudou seu governo monárquico para um regime republicano, que pouco alterou a situação sócio-econômica da nação. O poder econômico estava centrado nos coronéis de terra, e o poder político alternava entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, que representavam os interesses dos cafeicultores e dos criadores de gado.

Esse cenário de proclamação da República deu-se também como resultado da decadência das oligarquias tradicionais ligadas a terra, à abolição da escravatura, à imigração, ao processo de industrialização e urbanização, dentre outros. A proclamação da República determinou também a laicização do Estado, oficializando a separação entre o Estado e a Igreja.

Segundo Azzi⁵⁶, os Maristas chegaram ao Brasil, motivados pela Igreja de Roma,

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ AZZI. Riolando. História da Educação Católica no Brasil: os primórdios da obra de Champagnat no Brasil. São Paulo: Loyola, 1996. p. 55.

Incentivados pela Santa Sé, os maristas se estabeleceram no Brasil em 1897, tornando-se desde o início importantes colaboradores do projeto da Igreja do Brasil em favor da educação católica. A multiplicação das obras atendeu ao apelo de bispos, padres e leigos, motivados por essa preocupação específica.

Conforme Azzi, percebemos que a vinda dos maristas para o Brasil não só atenderia ao desejo da Santa Sé, mas também as motivações e preocupações das dioceses locais. Aliás, esse fato acarretou algumas disputas.

Entre 1897, data da chegada dos irmãos ao Brasil, e 1918, surgiram as seguintes obras: Congonhas do Campo, 1897; São Paulo: Carmo, 1899; Rio de Janeiro, 1902; Franca, 1902; São Paulo: Cambuci, 1902; Uberaba, 1903; Rio de Janeiro: Mendes, 1903; Santos, 1904; São Paulo: Arquidiocesano, 1908; e Varginha, 1918. A partir daí, as obras maristas foram se multiplicando e, junto com as transformações vividas na Igreja e no País, foram participando da construção da sociedade brasileira.

A Educação Marista é apresentada pela Comissão Internacional de Educação dessa Congregação como a expressão do projeto fundador da Instituição Marista, que nasceu da experiência vital e pedagógica de Marcelino Champagnat e seus primeiros irmãos. Esse projeto é uma herança a preservar com cuidado e adesão às raízes e à identidade da Instituição. Tais raízes e identidade propõem que essa educação garanta um olhar globalizador e um coração sem fronteiras, que intervenha na sociedade através da educação de uma geração para um novo mundo.

Essa Educação traz consigo a compreensão de que a cultura, a ciência e o conhecimento são fatores potencialmente favoráveis para promover o encontro e o diálogo entre fé e vida, por isso sugere uma educação voltada para a humanização e personalização do ser humano.

Sendo assim, a Educação Marista no Brasil está em comunhão com a Igreja, quando se propõe a formar homens e mulheres, especialmente as crianças e os jovens que não apenas absorverão informações e dados, mas que serão capazes de lidar com essas informações, com as habilidades e competências cognitivas e operacionais diante de tantas transformações sofridas e vividas pela sociedade.

O grande desafio da ação educativa é encontrar o equilíbrio entre a humanização e a personalização, a fim de que os jovens conservem isso durante a sua vida.

Segundo o documento Missão Educativa Marista, os jovens são os primeiros destinatários da missão, “Vamos aos jovens lá onde eles estão. Vamos com ousadia aos ambientes, talvez inexplorados, onde a espera de Cristo se revela na pobreza material e espiritual”.⁵⁷

Olhando para história do Instituto Marista, percebemos uma preocupação por parte dos seus educadores na formação e acompanhamento da juventude. Essa preocupação vem desde a fundação das primeiras escolas na França.

Teremos oportunidade de observar mais adiante como essa Educação se configurou na cidade de Vila-Velha-ES e qual a sua contribuição na vida dos seus educandos.

3.2 A EDUCAÇÃO MARISTA EM VILA VELHA-ES

Em 1950, a cidade do Espírito Santo não possuía ainda Ginásio e nem Colégio, daí os jovens desta localidade tinham que ir a Vitória para disputar vagas no Colégio Estadual, Escola Normal, Colégio Americano, Ginásio Nossa Senhora da Vitória, atualmente Colégio Salesiano e outros que existiam na capital.

O então prefeito municipal da cidade do Espírito Santo, hoje chamada Vila Velha, o senhor Domício Ferreira Mendes, tomou conhecimento de que na cidade de Colatina ocorria a construção de um colégio dos Irmãos Maristas. Ele enviou uma carta endereçada ao Ir. Julio Batista, diretor do Colégio São José do Rio de Janeiro, solicitando o encaminhamento para estudar a possibilidade da instauração de um estabelecimento de ensino na sede do município.

Mário Cristóvão, Irmão Provincial⁵⁸ de então, não exitou em atender tal pedido, pois havia interesse da Congregação em se estabelecer em Vitória ou cidades vizinhas, em agradecimento ao povo capixaba que desde 1926, enviava vocações ao Instituto. Por ocasião da sua primeira visita à cidade do Espírito Santo e das negociações com o prefeito, foi criada a lei n.85 da Câmara Municipal da Cidade do Espírito Santo, decretada, sancionada, registrada e publicada aos 22 de

⁵⁷ INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Constituições e Estatutos. São Paulo: Loyola, 1997. p. 86.

⁵⁸ O Irmão Provincial é o primeiro responsável pela animação espiritual e apostólica dos Irmãos em uma região geográfica, nomeado por três anos, pelo Irmão Superior Geral, sucessor do fundador e seu Conselho, após consulta a todos os irmãos de uma determinada área geográfica, denominada Província. INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. Constituições e Estatutos. São Paulo: Loyola, 1997. p. 140-146.

maio de 1950, autorizando uma doação do município para compra de um terreno, conhecido como Sítio da Batalha.

A doação foi feita à UBEE⁵⁹, na época com sede em Mendes, que antes pertenciam ao município de Barra do Piraí-RJ, para a construção de um estabelecimento de ensino secundário, com externato e internato, cuja direção ficou a cargo dos Irmãos Maristas.

O Colégio Marista, inicialmente conhecido como Ginásio Nossa Senhora da Penha, teve a sua pedra fundamental inaugurada em 1951. O prazo para a conclusão de suas obras era de 5 anos, tempo curto, levando em conta a escassez de recursos financeiros e humanos da época. Posteriormente o Ginásio Nossa Senhora da Penha passou a se chamar Colégio Marista Nossa Senhora da Penha.

Em 1953, o Irmão Provincial nomeou os membros fundadores do Ginásio Nossa Senhora da Penha. Eram eles: Ir. Ismael Antônio (diretor), Ir. Basílio Danilo (vice-diretor), Ir. Luis Severino (tesoureiro), Ir. Aleixo Luiz (auxiliar administrativo), todos seriam professores. Em 13 de janeiro de 1954 eles começaram a chegar ao município. As aulas iniciam em março de 1954 com sessenta e um alunos matriculados nas primeiras séries do curso primário, atualmente chamada de Ensino Fundamental I.

Esse primeiro ano de atividades no Colégio foi marcado por diversas atividades: construção do campo de futebol, plantação de árvores e a área do pomar, primeira Semana Champagnat com a realização de palestras sobre o fundador do Instituto, inauguração e bênção da capela realizada pelo bispo diocesano D. José Joaquim Gonçalves e realização da 1ª Eucaristia de vinte alunos. O ano letivo foi encerrado com a notícia de que o Ministério da Educação e Saúde enviou um telegrama aos Irmãos, aprovando o funcionamento do Curso Ginásial. No dia 07 de dezembro foi realizado o exame de admissão da primeira série ginásial, no qual vinte alunos foram aprovados dos trinta e um inscritos.

Em 1955, deu-se a inauguração de duas alas, já com o nome oficial de Ginásio Nossa Senhora da Penha, onde estiveram presentes alunos, familiares, autoridades civis e eclesiásticas.

Em 1957, ficou pronta a ala esquerda do prédio principal, iniciou-se a construção do segundo campo de futebol e o funcionamento do internato, com trinta

⁵⁹ Entidade mantenedora que responde juridicamente pela administração das escolas e obras sociais dos Irmãos Maristas.

meninos do interior do Estado. Contudo, no decorrer do ano foram recebidos novos candidatos e, no final dele, havia 50 internos.

Em 1958, mais um prédio se erguia aos pés do morro do “Sítio da Batalha”, e próximo às margens do canal do Rio da Costa, onde funcionou o pré-juvenato Marista até dezembro de 1971, chegando a abrigar até 120 alunos internos.

Em 1960, foi fundada a Associação de Pais e Mestres dos alunos do Ginásio Nossa Senhora da Penha, uma sociedade civil, autônoma, de duração ilimitada, destinada a promover a aproximação entre os pais e mestres dos alunos do colégio, para aprimoramento da formação religiosa, moral, cívica e cultural dos seus educandos.

Em 1962, foi feita uma campanha, entre alunos e familiares, de doações voluntárias para a construção da primeira quadra de futebol de salão e basquete. Em junho desse mesmo ano, realizaram festas juninas em prol da mesma construção. Também foi formada a primeira agremiação estudantil, com o nome “Academia Anchieta”, congregando alunos da terceira e quarta série ginásial, na época os mais adiantados.

Em 1963 os participantes da Academia Anchieta oficializaram-se como Grêmio Estudantil Nossa Senhora da Penha. Houve também a inauguração da quadra esportiva, com a presença do Governador do Estado e outras autoridades civis e com exhibições da banda da Escola de Aprendizes Marinheiros.

Em 1968, foi realizada a primeira olimpíada colegial, da qual participaram todos os colégios de Vila Velha e Vitória.

Em 1972, foram instaladas uma academia de judô e definitivamente o Pré-Escolar e as quatro séries fundamentais da primeira fase (ex-curso primário) foram transferidas para o prédio que fora o internato. Novas áreas de lazer foram aparecendo aos pés do morro do Sítio da Batalha, para ampliação dos pátios de recreação, para arborização e formação de áreas verdes. Também foi implantado o Curso Supletivo Noturno e o Mobral.

O professor Thelmo Torres iniciou no colégio os clubes de futebol de campo e de salão, basquete, vôlei e handebol. Tais clubes são atualmente conhecidos por escolinhas esportivas.

Na década de 80, a associação de pais e mestres continuou contribuindo com o crescimento do Colégio. Foi um período de ampliação estrutural, de reflexões

pedagógicas, de crescimento de número de alunos matriculados. Foi um período também que apresentou alguns impasses entre a diretoria e os professores.

Os primeiros anos da década de 90 foram marcados pela inauguração do refeitório e da cozinha, a realização da 1ª Olimpíada do Colégio e a sistematização do programa de Ensino Religioso com orientações para todas as unidades da Província.

No ano de 1999, o fundador do Instituto dos Irmãos Maristas foi canonizado pelo Papa João Paulo II numa cerimônia no Vaticano. Foi um ano de festa e reflexão acerca da presença Marista em Vila Velha.

No início do século XXI, o Colégio Marista Nossa Senhora da Penha se preparava para as comemorações de seu primeiro cinquentenário, chegando a ter mais de dois mil e cem alunos.

Em 2003, foram inauguradas as instalações da Educação Infantil e salas especiais para o maternal, reformulação do pátio interno com construção da área coberta. No fim deste ano, aconteceu a reestruturação das províncias Marista no Brasil, como proposta para todo o Instituto. A antiga Província Marista do Rio de Janeiro e a antiga Província Marista do Brasil Norte passam a formar a Província Marista do Brasil Centro Norte.

Em 2004, foram celebrados cinquenta anos da presença Marista em Vila Velha, com diversas atividades, caminhadas, tríduos, passeios, aprovações significativas nos vestibulares e discussão inicial do projeto político pastoral pedagógico.

Em 2005, foi reinaugurada a biblioteca, com salas de estudo em grupo, videoteca, biblioteca infantil, cabines com computadores disponíveis para pesquisa na internet e computadores para consulta ao acervo, área externa com teatro de arena, mesa e bancos para estudos.

Em 2006, após o primeiro triênio da nova província, todos os processos foram avaliados. Nesse ano tratou-se do Projeto Político Pastoral Pedagógico da Província e do Colégio. Foi um ano de preparação para a Assembléia Internacional da Missão Marista, prevista para ser realizada em Mendes, no Rio de Janeiro, de 03 a 12 de setembro de 2007. Durante a preparação muitos processos foram repensados, e o jeito de ser e educar marista foram fortalecidos a partir da prática vivenciada pelos Irmãos e leigos engajados na missão.

Em 2007, a província lançou um Plano Estratégico⁶⁰ com vistas até 2012, definindo como missão “educar e evangelizar crianças e jovens fundamentadas em São Marcelino Champagnat, para formar cristãos e cidadãos comprometidos na construção de uma sociedade sustentável, justa e solidária”.

Em setembro de 2007, o colégio contava com 1.774 alunos matriculados da Educação Infantil ao Ensino Médio, oitenta e seis professores, oitenta e nove funcionários, sendo setenta e oito do administrativo e onze técnicos, uma Casa de Acolhida com oito funcionários e que atendia 80 crianças em situação de risco social e estava concluindo seu plano estratégico, assim como o projeto político pastoral pedagógico.

Foi realizada uma entrevista no dia 10 de junho de 2007 com a diretora do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha enfocando o processo de evangelização da escola e o seu projeto político-pedagógico.

A diretora do Colégio Marista Nossa da Penha, professora Tânia Amélia Guimarães de Assis⁶¹, há oito anos na Instituição, teve grande surpresa ao chegar à Instituição e conhecer o trabalho de perto, dos irmãos e leigos Maristas, que visa ao investimento na pessoa humana em sua totalidade, e as ações desenvolvidas procuram dar sentido à formação integral do educando.

A diretora afirma que o Projeto Político Pedagógico do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha está em construção e vem sendo reelaborado, com base nas orientações das mantenedoras União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE) e União Norte Brasileira de Educação e Cultura (UNBEC), que compreendem 26 escolas nas regiões norte, nordeste, centro-oeste e sudeste.

Esse projeto emerge de orientações das mantenedoras para que haja uma diretriz comum e um trabalho que dê identidade às escolas maristas da província através das orientações da gerência educacional, garantindo as demandas e necessidades de cada colégio. São diretrizes que devem estar presentes no dia-a-dia e que garantam a identidade institucional, local e o atendimento da realidade educacional no Espírito Santo.

⁶⁰ Planejamento Estratégico da UBEE e União Norte Brasileira de Educação e Cultura (UNBEC) - (2007-2012).

⁶¹ Tânia Amélia Guimarães de Assis, Psicopedagoga, Especialista em Avaliação Escolar, MBA – Gestão de Instituições Educacionais- trabalha com os Maristas há 8 anos. Atualmente é a diretora do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, cargo que ocupa desde 2001, deixando a direção para assumir a gerência educacional da Província Marista do Brasil Centro Norte em 2003 e 2004, retornado a direção do Colégio de Vila Velha em 2005. Entrevista realizada no dia 14 de junho de 2007.

Para ela o projeto está estruturado de forma cartesiana, de natureza disciplinar, organizado através das áreas do conhecimento, com foco nas disciplinas acadêmicas tradicionais, que são trabalhadas em todo Brasil, orientadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A professora Tânia Amélia afirma que o colégio tem buscado através desse trabalho de construção do Projeto Pedagógico uma perspectiva interdisciplinar, de tal forma que o aluno perceba esse trabalho de maneira integrada e não de forma fragmentada. A fragmentação através das disciplinas ainda é um desafio a ser vencido.

Ela lembra que esse trabalho pode ser feito através de uma relação de ensino aprendizagem significativa. Não é porque um projeto está montado de forma sedimentada que não podemos dar a visão de inteireza, a partir dos trabalhos que são realizados, das metodologias propostas, do atendimento através das disciplinas para a compreensão da vida.

Afirma também que ainda tem que avançar no sentido de elaborar um Projeto Político Pastoral Pedagógico que tenha uma dimensão mais interligada. Isso é algo que é possível de se fazer, mas com muito estudo. As equipes do colégio têm passado por momentos constantes de formação, com apoio das mantenedoras, o que tem garantido avanços metodológicos, na própria visão pedagógica, que é um movimento presente em toda a província, buscando alargar os horizontes pedagógicos para além das disciplinas.

De acordo com a diretora, a dimensão pastoral, a partir do ano de 2001, começou a ser vista sob um novo prisma, não apenas como um apêndice da escola, com atividades dinamizadas pelo Serviço de Orientação Religiosa (SOR)⁶², que

⁶² Segundo Alessandro Vescovi, Coordenador de Pastoral do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, em 2007, o processo de reestruturação que aconteceu em várias Províncias Maristas acarretou mudanças de posturas e olhares. O serviço responsável por facilitar o processo de evangelização na Unidade Educativa até 2003 era conhecido por Serviço de Orientação Religiosa (SOR). O SOR desenvolvia práticas catequéticas, formadoras e inspiradoras a partir do Carisma Marista. No entanto, a partir de 2003 passou a chamar-se Assessoria de Pastoral e Solidariedade. Esse processo provocou mudanças de papéis e concepções sobre a evangelização na escola, estabelecendo responsáveis pelas atividades pastorais e pelas atividades solidárias. Em 2007, no entanto, houve uma reformulação, e de certa forma um nivelamento conceitual entre as Províncias Maristas no Brasil, e esse setor passou a chamar-se Coordenação de Pastoral, estabelecendo um novo olhar diante de todas as atividades e conceitos sobre a evangelização na escola.

Alessandro Vescovi, Mestre em História Social das Relações Políticas, graduado em Ciências Sociais e graduando em Teologia, Professor de Ensino Religioso e Coordenador da Pastoral do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha desde 2004. Entrevista feita no dia 10 de agosto de 2007.

funcionava independente de outros setores, principalmente o pedagógico. A interface que estava sendo observada e analisada nos possibilitou enxergar uma grande oportunidade de trazer a perspectiva pastoral, numa interseção direta com o pedagógico, assim surgindo o quarto “P” na elaboração do projeto, Projeto Político Pedagógico, denominado então Projeto Político Pastoral Pedagógico.

Lembra que, para que isso aconteça de fato, precisaria preparar os professores para uma atuação além de sua disciplina, buscando orientá-los para que descubram na sua área de atuação a perspectiva pastoral.

Isso é um grande desafio, porque os nossos professores partem de uma formação acadêmica que privilegia o conteúdo da sua disciplina, não considerando essa visão mais holística da educação e da pessoa humana. A Província e o Colégio têm investido de maneira concreta na formação continuada dos professores com duas horas-aula semanais pagas a cada professor da escola para participarem dessa formação e outros eventos como seminários e congressos.

Afirma também que com a aproximação da pastoral e do pedagógico de forma mais integrada, foi preciso fazer uma nova configuração das equipes no colégio. A coordenação pedagógica ficou também responsável em acompanhar os processos pastorais, que antes era função apenas do Assessor de Pastoral. Houve investimento da província na capacitação dos coordenadores pedagógicos que passaram a ser chamados de Coordenador Pastoral Pedagógico (CPP).

Ela ressalta que em 2003 esse processo de formação foi interrompido com a junção das províncias do Brasil Norte e Rio de Janeiro que desenvolviam ações e trabalhos diferenciados no Setor de Pastoral.

E encerra dizendo que, atualmente, a ação pastoral no colégio e na nova província, reestruturada em 2003, vem passando por uma série de mudanças, devido às avaliações feitas ao longo do processo e as prioridades propostas pelo planejamento estratégico. Hoje, estamos refletindo sobre a formação e reestruturação da equipe de pastoral e o seu papel frente ao trabalho de Evangelização no Colégio.

Essa entrevista nos possibilita perceber que o processo pedagógico e pastoral da escola vem passando por modificações e está sendo reelaborado, mas aponta alguns sinais de abertura para a participação dos educadores e jovens.

3.3 A AÇÃO PASTORAL NO COLÉGIO MARISTA NOSSA SENHORA DA PENHA

Durante muitos anos os processos pedagógicos e pastorais no Instituto Marista couberam apenas aos Irmãos. O Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, em sua origem, trazia os Irmãos como os responsáveis pelas aulas, pela administração, pela catequese e todo o processo evangelizador. Todavia, devido às transformações sociais e eclesiais, os irmãos buscaram assumir tais ações em parcerias com os leigos⁶³.

Os Irmãos⁶⁴ e os Leigos, segundo a Missão Educativa Marista, têm a missão de evangelizar, inseridos na realidade atual, a partir das mudanças que surgem na história e que afetam o homem e a sociedade. Ambos refletem sobre o papel da educação, o papel da família, sobre as mudanças experimentadas nessas instituições, e sobre as desigualdades sociais que atingem ambas, percebendo os avanços da modernidade e o contexto excludente que se apresentava.

Eles buscam compreender quem é essa pessoa humana para a qual aponta sua missão, percebendo-a como ser de liberdade, aberta à transcendência, como um ser culturalmente situado, marcado pela contradição e eticamente orientado para a justiça e a fraternidade. Buscam entender, quais os elementos sociais e políticos que perpassam a educação, e percebem que a política está intrínseca na educação, devendo ser libertadora e não manipuladora, e essa ação não deve ser partidária.

No dia 10 de agosto de 2007, foi realizada outra entrevista, agora com o coordenador de pastoral do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha enfocando o processo de evangelização da escola, e termos elementos para a análise dos dados dessa pesquisa.

Segundo o coordenador de Pastoral, Alessandro Vescovi, a ação pastoral no Colégio Marista Nossa Senhora da Penha é integradora de fé, cultura e vida que possibilita aos alunos, familiares, professores, funcionários e parceiros crescer e amadurecer pedagogicamente a partir dos ensinamentos do fundador do Instituto

⁶³ Os leigos são cristãos, com uma vocação específica no coração do mundo e à frente das tarefas temporais mais variadas, exercendo uma forma singular de evangelização, vivendo sua vida cristã na família, no trabalho, nos movimentos sociais. (Cf. *Evangelii Nuntiandi*, p. 70). Os leigos na Escola Marista são parceiros na missão juntamente com os Irmãos, com seu caráter próprio, atuando de forma específica na Educação das crianças e dos jovens. O Colégio Nossa Senhora da Penha, atualmente, é dirigido por leigos.

⁶⁴ Os irmãos são leigos consagrados ligados ao Instituto Religioso dos Pequenos Irmãos de Maria. A distinção feita no texto serve apenas para diferenciar a condição dos irmãos como leigos consagrados, e dos cristãos leigos parceiros na missão do referido Instituto.

dos Irmãos Maristas. Essa ação está baseada no carisma do Instituto que propõe a experiência de uma espiritualidade baseada na simplicidade, na humildade e na modéstia, bem como no espírito de família, amor ao trabalho e do jeito de Maria. Propõe também a experiência da missão em tornar Jesus Cristo conhecido e amado, formando bons cristãos e virtuosos cidadãos.

Para Vescovi, o trabalho pastoral visa garantir o respeito à individualidade, promover a participação, a responsabilidade e incentivar a criatividade, a formação de consciência crítica e a prática da solidariedade. A esse conjunto de atividades diversificadas, que brotam da criatividade da Igreja e particularmente no Instituto Marista, chamamos de ação pastoral.

Para ele, essa ação é uma ação divina, histórica e eclesialmente concretizada em favor dos seres humanos, situados em tempo e espaço históricos. Ela assume uma dimensão profética pelo ministério da palavra, sendo proclamada, anunciada, denunciada e realizada. Essa dimensão tem seu ponto alto na Liturgia, potencializando-a para a participação, comunhão, libertação e solidariedade.

Segundo o coordenador, a pastoral é proposta pela Igreja, em continuidade com toda a ação salvífica de Deus, realizada plenamente em Jesus Cristo como ação divina e humana, ou seja, como ação teândrica. É cristocêntrica, em que Jesus Cristo é o centro, a meta, o caminho e o conteúdo de toda ação que visa à salvação. Leva a marca da Igreja que se manifesta pela prática de cada membro da comunidade.

Vescovi afirma também que a pastoral no Colégio não é apenas informativa, ela propõe, provoca a renovação das pessoas e das estruturas e exige a conversão e a ética, sendo ecumênica dialógica e fraterna. Destina-se a todos que participam e que podem vir a participar dessa comunidade, desenvolvendo trabalhos com crianças, adolescentes e jovens, especialmente os mais necessitados, libertando-os das reduções e manipulações ideológicas de dominação. Ela existe a partir de um ideário, de um planejamento pastoral, da disponibilização de instrumentos, da valorização dos subsídios e das pessoas que coordenam o processo de evangelização na comunidade.

De acordo com o coordenador, a ação pastoral acontece animada pela Comissão de Evangelização da Província Marista do Brasil Centro Norte⁶⁵,

⁶⁵ Província - unidade administrativa constituída por um conjunto de casas, cujo pessoal e recursos materiais são suficientes para garantir vida autônoma. É administrada pelo Irmão Provincial e seu

considerando as orientações da Igreja local, a Arquidiocese de Vitória, e também a conjuntura social, política, econômica e cultural em que o Colégio Marista Nossa Senhora da Penha está inserido.

Vescovi, diz que a pastoral é construída observando a formação dos leigos e a vivência do carisma Marista; o diálogo entre toda a comunidade educativa e os múltiplos cenários e atores que participam da história do município de Vila Velha (ES); a observância dos ritos, leis e encaminhamentos da Igreja e do Instituto Marista; o desenvolvimento do Ensino Religioso como área do conhecimento, capaz de ser consistente e agradável; o despertar de lideranças estudantis, bem como o protagonismo juvenil; a vivência concreta da pedagogia da presença junto aos alunos, pais, professores e funcionários; o despertar de uma consciência ética e solidária com o ser humano, com suas relações e com toda a criação de Deus; e o fortalecimento da parceria entre Irmãos e Leigos.

Segundo Vescovi, observando a ação pastoral no Colégio em questão, percebemos a partir dos seguintes processos: a formação de leigos (MARIAMA), espaço de encontro entre professores e funcionários que refletem suas realidades a partir da Bíblia e dos ensinamentos do fundador do Instituto Marista; o diálogo com os múltiplos cenários, conhecendo o plano de pastoral da Arquidiocese de Vitória, realizando parcerias com entidades sociais e educacionais; a observância dos ritos por meio da realização de celebrações e formações que garantem a sintonia com a Igreja e com a sociedade; o grupo de trabalho do Ensino Religioso, acompanhando as discussões acerca dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso participando de fóruns de discussão dentro e fora do Instituto Marista; o Protagonismo Juvenil, acompanhando as lideranças eleitas em sala de aula; o Grêmio Estudantil Marista; a Pastoral Juvenil Marista (PJM); os projetos sociais e a Missão de Solidariedade.

Enfim, diante dos cenários apresentados pelos teóricos e entrevistados fica para nós a necessidade de contrapor essas informações àqueles que são os principais atores nessa pesquisa, os jovens. Ressaltamos que até o presente momento buscamos clarear em qual realidade a análise está sendo realizada, quais

conselho. (Conforme Instituto dos Irmãos Maristas. Constituições e Estatutos. p. 130). A Província Marista do Brasil Centro Norte é formada por 16 estados do nosso país compreendendo as regiões nordeste, centro-oeste e parte do norte e sudeste. Sendo 12 escolas gratuitas, 33 Unidades Sociais, 22 Colégios, 2 Faculdades, 1946 Professores, 2.615 Colaboradores e 35.883 Alunos atendidos e 149 Irmãos.

são as compreensões acerca dos temas juventude e evangelização a partir de teóricos e alguns gestores dos processos educacional e pastoral, cabendo-nos, então, analisar se o olhar e os múltiplos olhares dessa juventude respondem ou não as propostas as quais o Colégio realiza enquanto ação evangelizadora.

Cabe também ressaltar que as falas da diretora Tânia Amélia Guimarães e do coordenador de pastoral Alessandro Vescovi, apontam-nos o desafio de aproximar a teoria e a prática a fim de que se torne real no cotidiano, a partir das propostas da instituição escolar.

4 DIVERSOS OLHARES SOBRE A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE

“Cremos no espírito transformador e criativo da juventude que no amor e na esperança, alimenta seus sonhos”.⁶⁶

Neste capítulo discutiremos acerca da compreensão sobre evangelização da juventude e faremos o contraponto com a teorização diante do que os jovens do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha compreendem por evangelização, utilizando os resultados da pesquisa realizada com os mesmos. Apontaremos inicialmente a compreensão sobre Evangelização, a partir do Concílio Vaticano II, tomando a seguir a compreensão por parte de alguns teóricos. A seguir apontaremos, a partir dos próprios jovens, suas impressões a respeito das atividades que são realizadas na escola, bem como os espaços que consideram como evangelizadores na sociedade; quais as ações propostas pelo colégio que percebem como evangelizadoras e o que representam.

Antes de apresentar esse olhar sobre a Evangelização, convém apresentar algumas considerações a respeito do tema. De acordo com o documento da Igreja Católica *Evangelii Nuntiandi*, a Evangelização é entendida da seguinte maneira:

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade. (...) A finalidade da evangelização, portanto, é precisamente essa mudança interior; e se fosse necessário traduzir isso em breves termos o mais exato seria dizer que a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam e a vida e o meio concreto que lhes são próprios.⁶⁷

Ainda preocupada com o modelo de Evangelização que atendesse a realidade das pessoas, a Igreja fez em sua natureza uma grande parada para retomar a essência e a mística de Jesus Cristo com os pobres na construção do

⁶⁶ Dom José Mauro Bastos, falecido em 2006, foi Bispo de Guaxupé-MG. Responsável pelo Setor Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

⁶⁷ PAULO VI. Exortação Apostólica do Papa Paulo VI sobre a evangelização no mundo contemporâneo. *Evangelii Nuntiandi*. 13 ed. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 24.

Reino de Deus. Esse momento é tido como um novo Pentecostes para a Igreja, devido ao compromisso de dar testemunho do Evangelho de Jesus Cristo com os destinatários de sua missão, os pobres.

Vejamos a seguir, uma perícopes que apresenta perspectivas da evangelização a partir do Concílio Vaticano II.

Segundo Brighenti, o termo Evangelização na perspectiva do Concílio Vaticano II

Expressa a idéia de levar gratuitamente o Evangelho e estabelecer, com o interlocutor, uma relação dialógica, que pode redundar na conversão. Mas isso não depende do evangelizador. Seu papel é “dar de graça”. O que vem depois depende da liberdade do interlocutor e da graça de Deus. Na perspectiva da Evangelização, tanto na Igreja como fora dela, busca-se impulsionar o Reino de Deus, do qual a Igreja é uma mediação privilegiada, mas não é única. Nessa perspectiva, importa por um lado, acolher os frutos do Reino presentes na vida do interlocutor e seu contexto e ajudá-lo a encarnar, a seu modo, o Evangelho em sua vida e em sua cultura⁶⁸.

Se tomarmos a afirmação de Brighenti, percebemos que a evangelização acontece num processo de liberdade e diálogo, tendo a Igreja como uma das possíveis formas de mediação, mas não única. O mais importante segundo o autor é contribuir para que o Evangelho seja encarnado a partir da vida e da cultura das partes envolvidas. A evangelização atualiza a obra da salvação como um todo, em estreita relação com a pessoa humana.

[...] o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto de problemas sociais e econômicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção, um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há de ser combatida e da justiça a ser restaurada⁶⁹.

Dessa forma, a Evangelização deve entrar num fecundo intercâmbio com as manifestações religiosas e culturais que caracterizam a pluralidade existente no mundo atual. Somos chamados a discernir os sinais dos tempos no cotidiano e descobrir os anseios e problemas dos seres humanos, percebendo o plano de Deus

⁶⁸ BRIGHENTI, Agenor. A Pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas: Valência, Espanha: Siquem, 2006. p. 87.

⁶⁹ PAULO VI, op. cit., p. 38.

sobre a vocação do homem na sociedade, para torná-la mais humana, justa e fraterna.

A Igreja tem o papel de “levar o Evangelho ao coração da história, ao longo dos séculos, nos diferentes contextos socioculturais, para ali ser semente do Reino de Deus”⁷⁰.

Na Conferência Episcopal de Medellín foi retomada a discussão proposta por Paulo VI, apresentando a juventude como um tema atual e de grande interesse, sendo ela considerada como “uma grande força nova de pressão” e como “um novo organismo social com valores próprios”. A autenticidade, a sinceridade e a aceitação do diferente são apontadas pela conferência como qualidades inerentes à juventude. Em Medellín os bispos tomaram consciência de um novo fenômeno e descreveram a juventude como “novo corpo social, grande força de pressão, com seus próprios ideais, valores e dinamismo inteiro”.⁷¹

A partir de Puebla, a Igreja Latino Americana aponta um lugar especial aos jovens no trabalho de Evangelização da Pátria Grande, sendo vistos como protagonistas da ação evangelizadora.

A Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja. E a Igreja faz isto não por tática mas por vocação, já que é “chamada à constante renovação de si mesma, isto é um incessante rejuvenescimento” (João Paulo II, Alocução Juventude 2- AAS, LXXXI, p.218). O serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança e incoerência para com os jovens⁷².

Segundo as conclusões do documento de Puebla, conforme citação anterior, o reconhecimento da juventude como essa força renovadora da Igreja e como um sinal profético da revelação da Deus, presente na sociedade, nos possibilita compreender alguns posicionamentos dessa Igreja, a partir de então, na América Latina.

O documento ainda afirma que os jovens e os pobres constituem a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, e sua evangelização é prioritária.

⁷⁰ PAULO VI, op. cit., p. 17.

⁷¹ CNBB, op. cit., p. 149-150.

⁷² CELAM, op. cit., p. 362.

Segundo Ribeiro⁷³, a opção pelos jovens foi de alguma forma estratégica, “eles são a grande maioria da população do continente, mas não por isso deixa de ser evangélica, já que os jovens da América Latina são na imensa maioria pobres”.

Nesse contexto, a Conferência de Puebla foi também o espaço de reflexão para uma nova forma de evangelização, “apresentando o Cristianismo não como uma ideologia”, mas como “uma experiência do amor de Deus, através de Jesus Cristo”, que deseja a vida em plenitude para todos. Para evangelizar não podemos deixar de considerar a diversidade juvenil na América Latina, os indígenas, camponeses, mineiros, pescadores, operários, estudantes entre outros.

Na Conferência de Santo Domingo⁷⁴ foi reafirmada a opção pela juventude feita em Puebla, não só de modo afetivo, mas também efetivamente por uma Pastoral da Juventude Orgânica, com acompanhamento, apoio real, diálogo e com maiores recursos humanos e materiais.

Segundo Teixeira⁷⁵, a partir da Conferência de Santo Domingo, a ação pastoral que reafirmará a opção preferencial pelos jovens, deverá responder às necessidades de amadurecimento afetivo e de acompanhamento; capacitar de maneira crítica frente aos impactos culturais sociais; propiciar um encontro de fé e vida, bem como a promoção da justiça e geração de uma nova cultura de vida; assumir a partir da cultura juvenil, novas formas celebrativas, anunciar o amor de Deus pela juventude; promover o protagonismo juvenil e a participação dos mesmos na Igreja e da relevância a Pastoral da Juventude de meios específicos.

Na Conferência de Aparecida, a juventude é apresentada como “enorme potencial para o presente e futuro da Igreja e dos povos”. A realidade vivenciada por muitos jovens no Continente causa preocupação à Igreja, sobretudo no tocante à pobreza, à globalização, à violência, ao desemprego, à educação de baixa qualidade e a ausência dos jovens na esfera política, devido à desconfiança que geram as situações de corrupção e o desprestígio dos políticos e a procura de interesses pessoais frente ao bem comum. A Conferência quer privilegiar na Pastoral da Juventude processos de educação e amadurecimento na fé.

⁷³ RIBEIRO, Eliomar. O Grito dos Jovens: sonho e esperança que move o coração de Deus. Dissertação (Mestrado em Catequese e Juventude) Universidade Pontifícia Salesiana – Roma, 2006. p. 24.

⁷⁴ CNBB. Op. cit., p. 152-153.

⁷⁵ TEIXEIRA, Carmem. Evangelização da Juventude: contexto, conseqüências e desafios. Goiânia: CAJU, 2006.

A Pastoral da Juventude ajudará os jovens a se formar de maneira gradual, para a ação social e política e a mudança de estruturas, conforme a Doutrina Social da Igreja, fazendo própria a opção preferencial e evangélica pelos pobres e necessitados⁷⁶.

Tais afirmações nos possibilitam perceber que há o interesse da Igreja em aproximar-se dos jovens. Todavia, é necessário que as reflexões apresentadas pelos documentos sejam efetivadas na prática, sem desconsiderar as culturas e os tempos em que estão inseridos esses jovens.

O futuro da sociedade e da Igreja depende da capacidade de escutar o que acontece no mundo dos jovens, de respeitar a sensibilidade própria do jovem, que vive o momento presente, de encontrar novas soluções práticas e de pressentir novos rumos. Trata-se de aprender do jovem e deixar-se evangelizar por ele. No jovem não há, apenas, contravalores! Ao contrário, há valores novos, que, em geral, só o jovem é capaz de criar e desenvolver. O jovem é garantia da juventude da Igreja⁷⁷.

Essa capacidade de escuta contribuirá de forma efetiva na aproximação das juventudes, onde os jovens sentir-se-ão valorizados e respeitados.

Para evangelizar a juventude de hoje, não podemos permanecer no método, linguagem e lugar, porque o mundo está mudando continuamente. Então não basta a Igreja entender a juventude, precisa buscar uma nova compreensão de si mesma. A Igreja hoje tem que ser como Israel no deserto: pôr a casa nas costas para acompanhar a dinâmica das pessoas. E não esquecer os pontos intrínsecos da evangelização, cujo começo é o serviço. A Igreja começa com o lava-pés: estamos para servir à juventude, não para arrebanhar os jovens. Temos que estar bem em vista da missão, sem querer saber quem está certo, quem salva mais. Colocar-se a serviço, depois dialogar e então partir para o anúncio, dar razão a nossa esperança. E dando testemunho de comunhão, retornar ao serviço⁷⁸.

Nessa afirmação, Dom José Mauro convida a Igreja a uma maior proximidade do universo juvenil e, com os jovens, descubra caminhos novos na evangelização, contemplando seus reais anseios, considerando-os uma realidade teológica⁷⁹ que precisamos desvelar, acolhendo a voz de Deus que fala por ele.

⁷⁶ Documento Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 198-201.

⁷⁷ CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil. Documento CNBB.28. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 85.

⁷⁸ Relatório do Encontro Segmentos de Juventude Centro Marista de Pastoral, Montes Claros, 2006. Palestra de Dom José Mauro, Bispo Referencial da Juventude no Brasil, falecido em maio de 2006.

⁷⁹ CNBB, op. cit., p. 55.

Dick apresenta o jovem como “sacramento da novidade”. “A juventude é um sacramento que anuncia novidades. Ela não é somente um segmento que recebe a realidade feita, ou seja, tem a missão de fazer na realidade recebida, a vida dela”⁸⁰.

A Igreja, inserida na sociedade, sofre inúmeras transformações, seja por ordem social, cultural, política ou econômica. Diante dessas transformações, a Igreja tem procurado participar do processo histórico da juventude, buscando encontrar (e até mesmo construir) algumas respostas e emití-las através do trabalho de Evangelização com os jovens no nosso país. Tais respostas não são definitivas, sendo ressignificadas a partir dos diversos cenários em que se encontram, conforme perceberemos a seguir.

Diante de toda a teorização aqui estabelecida é importante termos a clareza de que a compreensão que mais se aproxima do processo de evangelização proposto pelo colégio marista analisado nessa perspectiva é a compreensão do documento do Concílio Vaticano II. Para a educação marista a evangelização é colocada como centro do processo educativo, ou seja, compreender e empreender a educação como missão evangelizadora. No documento do Projeto Político Pastoral Pedagógico⁸¹, “evangelizar é levar a Boa Nova a todos em qualquer meio e realidade, partindo de sua força criadora para transformar a humanidade e a sociedade”.

4.1 A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE NO BRASIL

Ao analisarmos a evangelização da juventude no Brasil, almejamos definir cenários, dentre eles a escola católica como um espaço de evangelização. Daí, então, propor a análise da participação dos educandos nas atividades pedagógicas oferecidas pelo colégio, a investigação acerca da compreensão de evangelização por parte dos jovens, dentre outras.

Sabemos que na sociedade há inúmeras iniciativas de trabalho com a juventude, assim como sabemos, também que há várias formas de evangelização da juventude pelas diversas Igrejas. Nessa pesquisa, optamos por uma reflexão a partir da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁸⁰ DICK, Hilário. O divino no jovem: elementos teológicos para evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2004. p. 26-27.

⁸¹ UBEE, op. cit., p. 24.

Ao tratarmos da Evangelização da Juventude no Brasil refletimos algumas iniciativas que ficaram na história, dentre elas a Ação Católica Especializada a partir da década de 1960, os movimentos de encontros para jovens a partir da década de 1970 e a Pastoral da Juventude a partir da década de 1980, e a pluralidade na evangelização percebida a partir da década de 1990.

A década de 1960 foi marcada pela Ação Católica Especializada que, apesar de ter sido iniciada no Brasil no começo da década de 1950, ganhou destaque diante das transformações que aconteceram na sociedade brasileira por conta do crescimento econômico, da industrialização, da urbanização, das mudanças de comportamento e pelas revoluções políticas, especialmente com o regime militar. Na Ação Católica o que aconteceu foi a especialização da ação juvenil, a partir da Igreja, especificamente em Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC).

Nesse período percebeu-se a existência de uma tentativa de assumir a idéia de ser presença de fermento da Igreja na sociedade, e ao mesmo tempo assumir uma participação crítica na dinâmica das transformações pastorais. A Ação Católica também contribuiu no desenvolvimento do método ver, julgar, agir, proporcionando uma espiritualidade que despertava nos jovens o engajamento na comunidade eclesial e na sociedade. Tal método foi assimilado por outros setores da Igreja que passaram a analisar os problemas sociais a partir da ótica dos empobrecidos e a favor das lutas por transformação social.

Apesar das limitações e até mesmo perda dos direitos civis durante o regime militar brasileiro, esse período foi marcado por intensa ação juvenil dentro e fora da Igreja. É certo que nem todos os jovens assumiram seu protagonismo nesse período, mas os registros históricos apontam para a participação dos jovens de maneira efetiva nas lutas sociais como “sujeito de direito”.

A partir de 1970, ainda no período do regime militar e com a desarticulação dos movimentos da Ação Católica Especializada, surgiu uma nova maneira de organização juvenil: os movimentos de encontro de jovens que se inspiravam na metodologia dos Cursilhos de Cristandade, um movimento para a Evangelização dos adultos, nascido na Espanha.

Nessa época, os jovens participavam de encontros de fim de semana coordenados por adultos. Havia palestras que davam importância ao testemunho

peçoal, evitavam-se palestras intelectualizadas, utilizavam-se cantos que tocassem o emocional dos participantes e se propunha um encontro com Deus e de conversão. Esses movimentos buscavam soluções para os problemas pessoais dos jovens, no entanto, a emoção durava pouco e por falta de um processo que garantisse a continuidade desse trabalho, muitos jovens voltavam à vida anterior.

Apesar das limitações, alguns movimentos evoluíram e incorporaram outros elementos que enriqueceram sua proposta evangelizadora e possibilitaram um trabalho junto com a Pastoral da Juventude. Em outros casos os movimentos de encontro aproximaram os jovens da Igreja, possibilitando o surgimento de muitos grupos de jovens que foram base para a constituição da Pastoral da Juventude.

Depois de 1978, após a Conferência Episcopal de Puebla, onde o episcopado fez a opção preferencial pelos jovens, houve grande mobilização pastoral envolvendo a juventude, o que provocou nos anos seguintes o surgimento do primeiro Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ) em Porto Alegre - RS.

A década de 1980 foi marcada inicialmente pelo período de redemocratização, uma tomada gradativa pelos direitos do cidadão e a construção de uma nova proposta de trabalho com a juventude, surgindo o Setor Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tendo D. Cláudio Hummes, como bispo responsável pela juventude e Pe. Hilário Dick como assessor. Esse Setor foi um grande motivador para a evangelização da Juventude no Brasil, através das Pastorais da Juventude.

Nesse período as lideranças eram influenciadas pela cultura moderna, pela razão, teorias repletas de desejo por liberdade, de superação da imposição exercida durante o regime militar, de luta pelos direitos e anistia, enfim, ideologias que propunham a transformação social. Os jovens voltaram às ruas e a Evangelização passou a se adequar para acolher sentimentos de liberdade, de participação política e de consciência crítica. Percebeu-se o surgimento de uma geração de jovens católicos protagonistas de seu processo de educação na fé⁸² e em diálogo com a realidade em que estavam inseridos.

⁸² Processos de Educação na Fé – Pensar a evangelização da juventude a partir de um Processo de Educação na Fé (PEF) foi uma das grandes contribuições da Pastoral da Juventude para a Igreja do Brasil e da América Latina. Essencialmente, o PEF deve ser “um processo que leve o/a jovem a descobrir sua própria vocação, o chamado de Deus em sua história, e a encaminhar a concretização de uma resposta num projeto de vida e num compromisso militante. Trata-se de um processo de amadurecimento integral que supõe “etapas” e “momentos” que se vão realizando. Esses momentos e etapas necessitam, de fato ao mesmo tempo, de uma compreensão dinâmica e de uma descrição

Nessa década percebemos também a organização e articulação das pastorais específicas no Brasil, dentre elas: a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), a Pastoral da Juventude Rural (PJR) e a Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e a Pastoral Universitária (PU). Os jovens passam a se organizar em assembléias diocesanas, regionais e nacionais.

Em 1984 aconteceu um Encontro Latino Americano de responsáveis nacionais pela Pastoral da Juventude, (ELARPJ) organizado pela Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM). Em 1985, a ONU declarou o Ano Internacional da Juventude e no Brasil a CNBB através do Setor Juventude oficializou o Dia Nacional da Juventude, no último domingo de outubro. Na verdade foram momentos de mobilização e luta pelas causas sociais, mesmo que tal mobilização não fosse vivida e acreditada por todos.

Ao lado também convivem outros movimentos como a organização dos jovens das Congregações Religiosas, Juventude Marista (JUMAR), Articulação da Juventude Salesiana (AJS), a Renovação Carismática Católica (RCC), o movimento de comunhão e libertação e outros. Tanto as Pastorais da Juventude quanto os movimentos eclesiais foram convocados pela CNBB para elaborar um caderno de estudo em que apresentassem o carisma, a metodologia e as linhas de atuação em comum.

A década de 1990, ainda sob os impactos da queda do muro de Berlim, na Alemanha, em 1989, foi marcada pelo capitalismo neoliberal, pela privatização, pela centralidade das emoções, possibilitando o aparecimento de jovens voltados para a subjetividade e os sentimentos.

Durante a realização da Campanha da Fraternidade de 1992, “Juventude e caminho aberto”, percebeu-se um adolecer dos grupos de jovens e conseqüentemente inúmeras crises, ora pelos processos experimentados nos grupos e que não atendiam a todos, ora pelas diferenças ideológicas que motivavam os participantes, ora por uma série de situações entre a Igreja e a juventude, o que ocasionava conflitos e afastamento dos mesmos.

Na passagem do século XX para o século XXI, percebemos um movimento de crise nas Pastorais da Juventude, à proporção em que a Igreja passa a assumir um

clara das utopias e imagens que temos da “pessoa”, de “Igreja” e de “Sociedade”. (Cf. Projeto de Vida, Caminho Vocacional da Pastoral da Juventude. São Paulo: CCJ, 2003. p. 73-74).

discurso de menor inserção social. Os movimentos eclesiais de jovens ganham grande projeção, até mesmo com a utilização dos meios de comunicação e das diversas tecnologias. As questões culturais também interferem nesse momento de crise em que vivem as pastorais e acabam por apontar novos caminhos para aqueles jovens mais críticos, que muitas vezes optam pela atuação em movimentos sociais, nem sempre guiados por uma ideologia, mas diante de todo o contexto, por interesses pessoais.

É certo que na atualidade despontam também alguns processos que facilitam o surgimento de jovens conscientes e que assumem seu protagonismo, contribuindo com a construção de uma nova sociedade.

Nesses inúmeros contextos apresentados, as escolas católicas estão inseridas e ao mesmo tempo sujeitas aos múltiplos olhares sobre a evangelização da juventude. A discussão que faremos a seguir possibilitará a análise da escola como um espaço de evangelização.

4.2 A ESCOLA CATÓLICA COMO ESPAÇO DE EVANGELIZAÇÃO

A discussão de um capítulo tratando dos diversos olhares sobre a evangelização da juventude nos remete à discussão da escola católica como um espaço de evangelização. Sendo assim, nos propomos a partir de então apresentar alguns elementos não só da escola, mas especificamente da escola confessional católica a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de alguns autores e do Projeto Político Pastoral Pedagógico do Colégio Marista.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), do Ministério da Educação e Desporto (MEC), a escola é apresentada como:

(...) um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes em um universo cultural maior. A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais⁸³.

⁸³ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 45.

A afirmativa acima é a referência do MEC para os diversos modelos de escola no Brasil. Essa definição é questionada em várias situações, isso porque o modelo de escola atual, por vezes, não está aberto ao mundo juvenil, dificultando o interesse dos alunos, desmotivando-os ao aprendizado e à participação. A evasão escolar e a reprovação entre outras situações, surgem como consequência. Mais importante do que ensinar a “leitura da palavra” é fazer a “leitura do mundo”, o que possibilita aos jovens a construção do saber a partir de suas vivências. Assim, a escola poderá ser agente de transformação iluminando e facilitando a emergência de um ser humano pleno pertencente a uma sociedade que potencialize a vida em todas as suas dimensões.

Se estabelecermos um paralelo entre a compreensão de educação a partir de Freire, abordando que “o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridades e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia”⁸⁴, a compreensão de evangelização a partir de Brighenti, que propõe uma relação dialógica, percebemos que os interlocutores da Evangelização caminham juntos, se apóiam, escutam, valorizam o que cada um traz consigo, partindo de suas histórias de vida, da sua cultura para o exercício significativo da cidadania.

Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.⁸⁵

O autor apresenta o conhecimento além dos conteúdos, valorizando a relação dialógica entre educadores e educandos, contribuindo de forma significativa para uma melhor interação entre os mesmos, por isso, “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, todos se educam em comunidade”⁸⁶, ou seja, uma construção coletiva, onde todos ensinam e aprendem, onde o conhecimento está em constante transformação.

Essa proposição encontrada no discurso de Freire possibilitará, dentre outras coisas, a formação de consciência e do cidadão. E nesse caso podemos tomar a

⁸⁴ FREIRE, op. cit., p. 94.

⁸⁵ FREIRE, op. cit., p. 23.

⁸⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 68.

compreensão de Spósito⁸⁷, de que a instituição escolar, ao se expandir, surge também como um espaço de intensificação e abertura das interações com o outro, privilegiando as experiências vivenciadas pelos jovens que culminará com a sua inserção no mercado de trabalho e, também, no favorecimento de uma prática consciente dos mesmos enquanto cidadãos.

Todavia, no Brasil, a relação formal entre família e escola deu-se na década de 1960, com iniciativas pequenas em que a escola solicitava aos pais que motivassem seus filhos a superarem as exigências colocadas pela sociedade. Inicia-se, nesta década, o processo da democratização escolar e a abertura de escolas públicas, ampliando aos jovens esse acesso.

Nessa atualidade, de tamanha exigência e produtividade, o jovem está sujeito a integrar-se ao mercado de trabalho e responder às demandas impostas pela sociedade, tendo o fator econômico como um dos grandes indicadores que influenciam na evasão escolar e também nas decisões a serem tomadas quanto à entrada na Universidade.

Nesse contexto se encontra a escola católica, onde estão matriculados os jovens que participaram dessa pesquisa expondo seus olhares acerca do processo de evangelização da escola em questão. Segundo o Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil,⁸⁸ a escola católica é normalmente mantida por Congregações Religiosas e tem uma preocupação com a formação humano-cristã dos jovens. Ainda hoje existem escolas católicas onde os valores e os assuntos pertinentes à realidade dos jovens são de responsabilidade dos professores que trabalham com o Ensino Religioso. Em contrapartida, há escolas em que o currículo contempla a formação integral do jovem possibilitando seu protagonismo na escola e na sociedade.

Segundo Junqueira e Cândido

A escola católica tem ampliado sua compreensão de confessionalidade. Por muito tempo se depositou essa responsabilidade ao Ensino Religioso, que deveria ser católico. Hoje reconhece a pluralidade e a necessidade de um Ensino Religioso aberto, entendido como disciplina e não como confessional católico. Entende a importância da confessionalidade

⁸⁷ SPÓSITO, Marília. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. ABRAMO, Helena (Org.); BRANCO, Pedro (Org.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 90.

⁸⁸ SECRETARIA NACIONAL DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL. Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil: nossa vida, nossos sonhos. [s.l.], [s.n.], [s.d.], p. 55.

transparecer em tudo que faz, em todos os setores, sem deixar tal responsabilidade a uma disciplina específica ou a um setor.⁸⁹

Nesse contexto, podemos compreender a evangelização de forma profunda, perpassando vários setores da escola e integrada à proposta curricular. Cabendo compreender a escola como uma sociedade plural, “em que concepções convivem, seja por justaposição, seja de forma conflitante, nos diversos espaços da sociedade”⁹⁰. A escola católica é desafiada a ser uma presença evangelizadora, atendendo a uma comunidade, que não é em sua totalidade, pertencente a essa confissão.

O desafio é apresentar uma proposta que ultrapasse a perspectiva catequética e dogmática, respeitando o papel da escola, seus processos garantindo a inclusão dos seus destinatários, respondendo às necessidades da sociedade atual e aos apelos do Evangelho.

Para viabilizar a concretização dessa proposta, que orienta a reflexão e organização do contexto escolar, é necessária a elaboração de um projeto pedagógico que oriente as ações nesse espaço, que se dê de maneira processual, participativa e dinâmica, por meio do qual constituiremos um instrumento coletivo de construção da sociedade. Neste caso, ressaltamos que, no sentido etimológico, o termo projeto vem do latim *projectu*, particípio passado do verbo *projicere*, que significa lançar para diante.

Nessa perspectiva ainda tomaremos a compreensão de Veiga, quando afirma que o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de plano de ensinos e de atividades diversas.

O projeto busca o rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sóciopolítico com interesses reais e coletivos da população majoritária. É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade⁹¹.

Afirmamos que o projeto político pedagógico é de fundamental importância e deve ser refletido e elaborado por todos os segmentos da escola, levando em

⁸⁹ JUNQUEIRA, Sergio; CANDIDO, Viviane. A escola confessional, espaço do religioso. Ensino religioso e pastoral escolar: qual a sua perspectiva? In: Congresso Nacional da AEC. Anais do XIX, Belo Horizonte, 2006, p.139-140.

⁹⁰ Ibid., p. 140.

⁹¹ VEIGA, Ilma. Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível. São Paulo: Papirus, 2004. p. 12-13.

consideração a participação dos educandos, tornando-a um espaço democrático e participativo.

O documento da UBEE, Projeto Político Pastoral Pedagógico, afirma:

A escola marista deve ser um espaço dinâmico, de criatividade inovadora, de admiração pelo desconhecido e pelo vir a conhecer. Esse espaço é também local para disseminar os valores do Evangelho, que são transformadores, criadores e geram a admiração pelo mistério. O processo de educação, vivido como missão evangelizadora, pode proporcionar às pessoas uma mudança na forma de conceber o mundo, de relacionar-se e de criar estruturas mais justas. Educar é levar os outros a caminhar, a trilhar seus próprios percursos em busca da superação de limites. Essa dimensão da educação está intrinsecamente ligada ao Evangelho⁹².

O mesmo documento afirma que a função da Escola Marista não é apenas transmitir conhecimentos, mas propiciar ao indivíduo a construção de uma sólida e diversificada base cultural, bem como orientá-lo na definição de um projeto de vida alicerçado em valores cristãos, que propicie o desenvolvimento harmônico de suas diferentes potencialidades, a sua realização como pessoa e a integração consciente, crítica, participativa e solidária à vida social.

Cabe-nos observarmos, num primeiro momento, o perfil do público entrevistado e, em seguida, faremos a análise da pesquisa, a partir do estudo e pesquisa bibliográfica realizados, desenvolvendo uma linha de reflexão, que não procura esgotar, mas contribuir nas discussões acerca da evangelização numa escola católica.

A seguir justificaremos o título “Diversos olhares sobre a evangelização da juventude”, ouvindo aqueles que compõem nosso objeto de pesquisa, os jovens estudantes do Ensino Médio do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha e seus olhares sobre a evangelização.

3.3 OS OLHARES DOS JOVENS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A EVANGELIZAÇÃO

A pesquisa foi realizada no período de fevereiro a junho de 2007, com o público-alvo constituído por jovens entre 14 e 18 anos, alunos do Ensino Médio do Colégio Marista Nossa Senhora da Penha, visando a garantir uma pequena amostragem da fase em questão. Inicialmente estabelecemos um contato a fim de

⁹² UBEE, op. cit., p. 26-31.

apresentar aos jovens os objetivos da pesquisa. Também foram feitas observações em sala de aula. Cabe ressaltar que nos contatos estabelecidos não foram emitidas informações que pudessem interferir no processo de coleta dos dados.

Foi entregue a cada jovem o questionário⁹³ para que respondessem individualmente. Antes dos entrevistados responderem ao questionário, foi informado a cada jovem o objetivo da pesquisa, sem emitir informações que pudessem interferir no processo, buscamos por representatividade atingir o todo. O questionário continha a seguinte estrutura: dados de identificação dos entrevistados procurando estabelecer o perfil desse público e sete questões objetivas baseadas nos objetivos da pesquisa.

Este item apresentaremos de forma geral e, a partir dos dados coletados, o perfil dos jovens entrevistados. Foram escolhidos 36 jovens, ou seja, 10% do Ensino Médio do colégio, sendo 18 do sexo feminino e 18 do sexo masculino, sendo: 38% 16 anos; 31% 15 anos; 25% 17 anos; 3% 18 anos e 3% 14 anos⁹⁴.

Em relação ao tempo de estudo no colégio, 50% estudam há mais de 5 e menos de 10 anos; 42% estudam há mais de 10 anos e 8% estudam há menos de 5 anos.

Vale ressaltar que durante a observação participante no colégio estudado, visita as turmas, nos intervalos, atividades fora de sala de aula, muitos jovens se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

Em relação à religião, 89% dizem que professam alguma religião; 8% não professam e 3% não responderam. Das religiões professadas encontramos um número expressivo de católicos 71%, 6% espíritas; 3% presbiteriana; 3% batistas, 11% sem resposta e 6% declaram-se sem religião, mas acreditam em Deus.

Em relação à participação de grupos, podemos perceber que 61% estão ligados diretamente a algum grupo; 36% não participam e 6% não responderam.

Este é o perfil geral dos jovens entrevistados. No próximo item, faremos uma análise de questões (1 a 7), apresentando os diversos olhares dos jovens a respeito da evangelização e do colégio estudado.

A primeira questão se refere à compreensão do jovem a respeito da Evangelização. O tema é visto pelos jovens de forma ampla e complexa, com compreensões diversas. Para facilitar a leitura dos dados, categorizamos as

⁹³ O formulário utilizado na pesquisa encontra-se no Anexo A deste trabalho.

⁹⁴ Os gráficos de todas as questões seguirão no Anexo B, para melhor visualização.

respostas em quatro blocos assim distribuídos: Evangelização ligada à Religião (35%), Evangelização ligada à Educação (17%); Evangelização ligada à sociedade (17%) e Evangelização ligada ao anúncio e testemunho de Jesus Cristo (31%).

Das respostas sobre a Evangelização ligada à Religião, chama-nos atenção algumas compreensões voltadas para a catequese e para a doutrina.

“Expandir a fé e passar para frente o que você acredita” (T.S, 15 anos, 1º EM).

“Evangelizar é pregar uma doutrina” (A.P.G, 15 anos, 1º EM).

“É pregar a religião mostrando os ideais sobre a Igreja e fazer refletir sobre a religião” (F.L.V, 15 anos, 1º EM).

“Ensinar os princípios do Cristianismo” (F.S.B.A, 17 anos, 3º EM).

“Transmitir os ensinamentos de Jesus” (J.R, 16 anos, 2º EM).

Essa compreensão dos jovens entrevistados numa perspectiva ligada à religião, enfatizando a catequese e a doutrina nos chama atenção, 35% dos jovens entrevistados reforçam uma idéia de evangelização pré-conciliar ligada à expansão da fé. Essa proposta ainda é vivenciada por alguns jovens. Isso sinaliza que essa ação evangelizadora ainda tem espaço na Igreja e por isso ainda afeta a escola católica. Num ambiente cada dia mais pluralista, esse conceito pode ser incentivado? Há lugar, na escola católica do século XXI, para essa concepção de evangelização a partir da doutrina e da catequese?

Em relação à Evangelização ligada à Educação, 17% dos entrevistados fizeram alusão a esse tema.

“Evangelizar é um padrão de educação proposto pela sociedade onde vive” (J.R, 15 anos, 1º EM).

“Evangelizar é formar cidadão de caráter, não necessariamente o uso da religião, mas a partir do comportamento da sociedade” (L.V.N, 15 anos, 1º EM).

“Evangelizar é passar conhecimentos e a cultura da Igreja” (R.V.V.B, 16 anos, 2º EM).

“Evangelizar é ensinar os conhecimentos de Jesus e da vida” (M.J.S, 17 anos, 3º EM).

“Educar para a vida com base em uma religião, idéias ou seguimento” (T.P, 15 anos, 1º EM).

Nesse contexto, os jovens entrevistados apontam a evangelização numa perspectiva de transferência de conhecimento, de forma “bancária”, onde apenas um interlocutor da evangelização faz a ação e ainda reforçam a concepção voltada para a doutrina. Outro elemento que pode ser destacado é o fato de serem estudantes de uma escola católica e as suas vivências familiares e religiosas tenham influenciado nas respostas. Uma outra perspectiva que pode ser considerada, sendo a maioria dos jovens alunos do colégio há mais de cinco anos, tendo contato com a sua proposta pedagógica, pode haver uma assimilação dessa concepção. Apesar disso, a idéia de educação libertadora a que o colégio se propõe, não está presente nessas respostas.

Em relação à concepção de Evangelização ligada ao anúncio, 31% dos jovens entrevistados definem o tema dessa forma.

“Evangelizar é levar a palavra de Deus a locais onde não está ou onde as pessoas querem ouvir” (D.P, 15 anos, 1º EM).

“Evangelizar é levar a palavra de Deus seja para quem for e onde for, mostrando os ensinamentos de Jesus” (G.Z, 14 anos, 1º EM).

“Evangelizar é passar os ensinamentos de Jesus e da Bíblia para os outros de forma que a pessoa aprenda e comece a por em prática a sua vida” (B.B, 16 anos, 2º EM).

Na perspectiva do anúncio (querigma), os jovens entrevistados apresentam alguns elementos que foram discutidos nesse capítulo, na teorização de Evangelização a partir do Concílio Vaticano II, onde a palavra de Deus é colocada ao centro, “não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, filho de Deus não forem anunciados”⁹⁵.

Em relação à concepção de Evangelização ligada à sociedade, 17% dos entrevistados apresentaram essa definição numa perspectiva libertadora.

“Evangelizar é aprender a viver e conviver na sociedade, aprender a viver diante das desigualdades e mostrar que os seres humanos necessitam de direitos iguais” (S.V, 15 anos, 1º EM).

“Evangelizar é a ação que visa a influenciar um grupo de pessoas a praticarem ações que tem repercussões positivas numa sociedade” (F.C.G, 17 anos, 3º EM).

⁹⁵ PAULO VI, op. cit., p. 28.

“Evangelizar é a ação em meio às pessoas mais necessitadas” (V.G, 17 anos, 3º EM).

“Evangelizar é promover a conscientização dos ideais de Jesus na sociedade” (S.J.C, 16 anos, 3º EM).

“Evangelizar é tornar as pessoas capazes de tomar decisões para o bem de todo o grupo e para o próprio bem” (G.L.S, 16 anos, 2º EM).

Nessa ótica, os jovens entrevistados sinalizam a dimensão da solidariedade, certamente enfatizada pela escola a partir de suas ações. Esses elementos são resgatados pelo Concílio e trabalhados na América Latina a partir da vida e da cultura dos sujeitos envolvidos na Evangelização. Outro aspecto importante mencionado pelos jovens é a valorização da vida e a garantia de direito para todos, tornando a sociedade mais humana e fraterna. Vale ressaltar que as ações solidárias vivenciadas pelos jovens na escola são espaços de construção do protagonismo juvenil, desde quando são planejadas executadas por todos os envolvidos na ação.

“E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. (...) Por força desse testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar, no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é – ou quem é – que os inspira? Por que é que eles estão conosco?”⁹⁶

Nesse contexto, a Evangelização passa necessariamente pelo empenho dos cristãos na construção de uma nova sociedade onde todos são chamados a participar. O anúncio da pessoa de Jesus Cristo vem a partir das perguntas que o testemunho suscita. A Boa Nova citada no documento sugere um convite e uma resposta do ser humano.

Em relação aos espaços que os jovens consideram evangelizadores na sociedade (questão 2), os entrevistados responderam em média quatro espaços. Os que mais apareceram foram ligados a Instituições com 65 indicações, Religião com 17 indicações e outros com 13 indicações.

Em relação às instituições, as que mais apareceram foram: igreja (28), escola (23) e família (12). A segunda categoria foi nomeada religião (17), devido às respostas estarem voltadas para as diversas ações desenvolvidas nas Igrejas, ligadas à catequese, grupos de jovens e trabalho social. As outras repostas foram

⁹⁶ PAULO VI, op. cit., p. 26.

diversas (barzinho, pracinha, grupo de amigos...). Chama-nos a atenção que os espaços mencionados pelos entrevistados estão diretamente ligados a grupos diversos.

Ao analisarmos essa questão, percebemos que a maioria dos jovens entrevistados reconhecem a religião como um espaço de evangelização na sociedade através das suas ações. Dessa forma, podemos dizer que os espaços religiosos podem contribuir para a formação de lideranças, despertando nos jovens autonomia e desejo de transformação da realidade.

A terceira questão foi elaborada a fim de sabermos qual a visão que os jovens tinham deles mesmos. Escolhemos algumas categorias a partir de suas respostas, dentre elas: histórico social, etária, biológico-fisiológica, rito de passagem/estado de espírito, psicológica e outros. Para 33% dos jovens entrevistados o conceito de juventude está ligado ao rito de passagem e estado de espírito; 33% relacionam às questões psicológicas; 17% à questão etária; 11% histórico/social e 6% outros.

Desperta a nossa atenção, as respostas dos jovens entrevistados, associando-as aos paradigmas do período preparatório e etapa problemática em que 66% configuram as respostas dessas abordagens, isso pode reforçar a repetição de um discurso que é apresentado pelos adultos da sociedade atual.

Em relação à participação dos jovens nas atividades propostas pelo colégio (questão 4), os entrevistados responderam em média quatro a cinco atividades. As atividades que mais apareceram foram ligadas à Pastoral com 49 indicações, ligadas ao Pedagógico e ao esporte com 31 indicações e ligadas à arte e cultura com 21 indicações.

As atividades ligadas à Pastoral que mais se destacaram foram: os dias de reflexão e convivência (17) e o Projeto Jovem Cidadão (18). A primeira tem o objetivo de entrosamento da turma, sendo realizada fora do colégio; a segunda é voltada para o voluntariado. As demais são as celebrações (09) que ocorrem durante o ano e a Pastoral Juvenil Marista (4); as atividades ligadas ao pedagógico citadas pelos entrevistados são: dia de integração marista (13), passeios pedagógicos (07) palestras e seminários (10); em relação aos esportes se destacam a Jornada de Integração Marista (23) e jogos (07); as atividades ligadas à arte e cultura são: festa junina (13), passeio ciclístico (04), danças, festas, gincanas e semana de arte e cultura (1).

Chama-nos a atenção a pouca participação dos jovens nas atividades ligadas à arte e cultura e na busca por projetos ligados ao voluntariado. Os entrevistados justificam o porquê de participar dessas atividades.

“Costumo participar dos dias de convivência porque reúne os alunos, é realizado um bom momento de reflexão sobre a vida, também ajuda a criar maiores laços de amizade, fazendo os alunos viverem entre si, trocarem idéias”. (G.L.A. 16 anos, 2º EM).

“Eu participo porque me divirto e me relaciono com as pessoas, aprendo bastante fora da rotina da sala de aula e o projeto jovem cidadão me ajuda a ser uma pessoa melhor e ajudar outras” (L.L. 16 anos, 2º EM).

“Participo do projeto jovem cidadão porque é a minha oportunidade de executar o meu papel de cidadão, podendo ajudar as pessoas” (F.L.V. 15 anos, 2º EM).

As falas dos jovens entrevistados estão voltadas para a ajuda e a troca de experiências entre as pessoas, além da integração que essas atividades proporcionam. Não podemos esquecer que essas atividades são espaços de participação e envolvimento da juventude e, quando planejadas de forma coletiva e participante, os mesmos podem exercitar o seu protagonismo, construindo a sua autonomia.

A quinta questão foi elaborada para visualizarmos quais as atividades propostas pelo Colégio de que os jovens não participam? Essa questão foi categorizada da mesma forma da questão anterior. As atividades que mais apareceram foram ligadas à pastoral com 47 indicações; ligadas à arte e cultura com 17 indicações; ligadas aos esportes com 12 indicações; ligadas ao pedagógico com 3 indicações e outras atividades 3 indicações.

Das atividades ligadas à pastoral de que os jovens não participam são: Grupo de alunos maristas (GAMAR) / Pastoral Juvenil Marista- PJM⁹⁷ (21), Projeto Jovem

⁹⁷ GAMAR/PASTORAL JUVENIL MARISTA – são os grupos de jovens nas escolas maristas, divididos por série, onde assumem a vida cristã de forma comprometida na comunidade eclesial, a partir de três dimensões: ação, reflexão e oração. Experiência vivenciada nos colégios da antiga província do Rio de Janeiro. (cf. relatório de orientações do GAMAR). Com a reestruturação das Províncias do Rio de Janeiro e Brasil Norte, em 2003, iniciou-se um processo de reflexão para um trabalho de pastoral orgânico com os jovens, uma vez que as duas antigas províncias apresentavam experiências diferenciadas no trabalho com os jovens nas escolas. Esse novo trabalho foi implementado em todo o Brasil pelos irmãos maristas, sendo assumida em 2004 e 2005 nas Províncias do Rio Grande do Sul e Centro Sul. A Pastoral Juvenil Marista é uma pastoral orgânica, expressão da Pastoral da Juventude nas obras maristas, busca em estreita sintonia com as Pastorais da Juventude do Brasil, contribuir com os jovens na superação de seus desafios e ajudar a descobrir e realizar seus sonhos, por meio do comprometimento social e eclesial, num contexto educacional, nas mais diferentes realidades sociais que compreendem o universo marista no Brasil. (Cf. No mar

Cidadão (12), Missão de Solidariedade (06) e Celebrações (08). Das atividades ligadas à arte e cultura destacam-se: teatro (07), passeio ciclístico (03), Dia de Integração Marista, festas (02), Semana e mostra de arte e cultura (01). Em relação ao pedagógico, apareceram a monitoria (01) e palestras (02). Em relação aos esportes: atividades esportivas em geral (11) e ginástica rítmica (01).

“Não participo do DIM, PJM, Grupo de teatro, projeto jovem cidadão, pois são atividades que mesmo sendo divertidas e legais não me chamam atenção e não me acrescenta nada”. (J.F.B.J. 14 anos, 1º ano, EM).

“PJM, teatro e esportes. Não vejo nenhum atrativo nesses itens, que me dê vontade de praticá-los”. (M.C., 16 anos, 2º ano EM).

“Não costumo participar das celebrações, danças, GAMAR e jogos no colégio, pois me parecem muito monótonas e iguais, não promovendo em mim mudança”. (S.J.C. 16 anos, 3º ano EM).

Os jovens justificam que até gostariam de participar de algumas atividades, devido à falta de tempo ficam impossibilitados, mas existe um reconhecimento por parte de alguns que são momentos de reflexão. Outros afirmam que já participaram e até gostariam de continuar, mas devido à preparação para o vestibular e aos horários das atividades não coincidirem com seu tempo livre, acabam por não fazê-lo. Diante desse cenário, cabe-nos um questionamento para reflexão: Como se dá a preparação dessas atividades, e de que forma estão integradas no currículo? Se não estão, quais os elos que poderiam ser estabelecidos para um maior envolvimento dos jovens? Um fator que pode ser verificado também é o horário de realização dessas atividades e se não existe concorrência com outras atividades dentro da escola. Quanto à monotonia citada, compreendemos que se dá devido à pouca participação e envolvimento dos jovens na preparação das mesmas, e o fácil acesso a outras atividades fora do colégio. Outros fatores que podem ser considerados, a metodologia e dinâmica utilizadas, não são atrativos para os mesmos.

Nessa questão teremos a oportunidade de observar, quais as ações evangelizadoras apontadas pelos jovens no colégio (questão 6). Os jovens citaram entre quatro e cinco ações. Para facilitar a leitura dos dados, tomamos as mesmas categorias das questões (4 e 5).

Em relação às ações ligadas à pastoral, 86 indicações; ligadas ao pedagógico, 9 indicações; ligadas à arte e cultura, 3 indicações; ligadas ao esporte, 1 indicação e outras ações, 3 indicações.

As ações ligadas à pastoral que mais indicadas: GAMAR/PJM (29); Projeto jovem cidadão (23); Missas e Celebrações (11); missão de solidariedade (08); encontros de reflexão e convivência (07), visitas a abrigos, orfanatos (03); Casa da acolhida e Centro Marcelino Champagnat (02); oração diária. As ações ligadas ao pedagógico foram às aulas de Ensino Religioso (05) e Dia de Integração Marista (04). As ações ligadas à arte e cultura foram as festas (02) e teatro (01). As demais estão ligadas ao esporte e outras, Jornada de Integração Marista, à própria escola, atividades em sala de aula e discussão nas aulas, (01).

Chama-nos a atenção nessa questão as poucas indicações dos jovens para as atividades pedagógicas, esportivas e culturais, uma vez que nos documentos da Instituição a compreensão de evangelização é vista de forma ampla, perpassando o currículo e as diversas atividades da escola bem como seus setores. Percebemos, também, que a compreensão dos jovens para as ações desenvolvidas na escola está voltada para as atividades do setor pastoral e voltada para a religião. Um dos motivos pode ser a falta de um projeto pastoral integrado que dê acessibilidade a todas as atividades do Colégio. Assim como a visão de evangelização que estes jovens trazem e o Colégio, com sua ação, não altera.

Outro motivo pode ser a linguagem dos educadores e a compreensão que os mesmos têm sobre a evangelização. Se considerarmos a proposta pedagógica da Instituição, observamos um distanciamento a partir da fala dos jovens, sobre a concepção de evangelização, pois os mesmos percebem as ações evangelizadoras oferecidas pelo colégio, apenas àquelas atividades desenvolvidas pela pastoral, confirmando mais uma vez a primeira questão onde o conceito de evangelização é voltado para a religião e ao anúncio da mesma.

Sabemos que existem diferentes concepções sobre a evangelização, por isso é importante termos o cuidado de discuti-las, trabalhando-as com todos os setores da Escola para que, a partir das vivências, os jovens as percebam de forma ampla.

A última questão foi elaborada para sabermos o que representam para esses jovens as atividades propostas pelo colégio. Para facilitar a análise e posterior discussão da questão, utilizamos quatro categorias, a seguir: formação humana, profissional acadêmico, religião/valores, sócio- transformadora e outros.

As atividades ligadas à formação humana (44%); às ligadas a religião/ valores (28%); às ligadas ao profissional/ acadêmico (11%); às ligadas as sócio-transformadora (11%), outros (6%).

As atividades ligadas à formação humana estão voltadas à formação do indivíduo como cidadão completo, de caráter, ciente dos seus direitos e deveres. As atividades ligadas ao profissional/acadêmico estão relacionadas ao emprego e à formação de bons profissionais para o futuro. As atividades ligadas à religião/ valores estão relacionadas à integração, formação de caráter, incentivo ao lado religioso. As atividades sócio-transformadoras estão ligadas ao despertar da solidariedade nas pessoas, ensinar boas ações, ajudar o próximo e contribuir para a construção de uma sociedade maior.

“As atividades representam uma maneira de educar e preparar os alunos para a vida, além de apenas ensinar um saber científico. Representa a interação para os alunos e o desenvolvimento dos mesmos”. (L.P.B, 16 anos 2º EM).

“As atividades propostas pelo colégio representam para mim um modo de integração dos alunos em atitudes concretas, ou até mesmo espirituais... Também conscientizam através das atividades ideais de um futuro bom, do que seria certo/errado hoje em dia” (A.J.B, 16 anos, 2º EM).

“Para mim representam a vontade da escola de formar cidadãos completos na formação acadêmica e na formação espiritual, do caráter, a formação para a cidadania, da crítica para com todos os assuntos” (D.P. S, 1º EM).

“Representam uma oportunidade para os jovens de poder ajudar e fazer a diferença. Uma ação de conscientização do jovem aluno e a preocupação de formar cidadãos cientes de seus direitos e deveres”. (T.S.P, 1º EM).

Diante desse cenário, percebemos que as atividades propostas pelo colégio têm importância na vida desses jovens e contribuem na sua formação de cidadãos. Elas possibilitam uma aproximação com outras realidades sociais, refletindo com eles acerca do seu papel frente aos desafios da sociedade, motivando-os a contribuírem de forma efetiva na transformação pessoal e social, rompendo com a visão desumana da globalização. Essa visão tem o propósito de convencer as pessoas de que nada pode ser feito para alterar a realidade social, desestimulando aqueles que acreditam nessa transformação. O engajamento de alguns jovens através dos trabalhos de acompanhamento sistemático em obras sociais e em algumas comunidades, pode ser visto como fruto dos trabalhos desenvolvidos pelo Colégio Marista. Essa sensibilização contribui à medida em que os mesmos passam

a defender a vida através de valores como a cidadania, respeito, solidariedade e a dignidade para todas as pessoas.

Dessa forma, motivados por Paulo Freire, entendemos que esse processo desumano da globalização,

“terminará por consolidar-se numa rebeldia nova, em que a palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo ‘genteficado’ serão armas de incalculável alcance”⁹⁸.

⁹⁸ FREIRE, op. cit., p. 128.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM OLHAR SOBRE TANTOS OLHARES

Este estudo teve como objetivo investigar o processo da evangelização dos jovens do ensino médio numa escola católica, a fim de obter informações que facilitem a análise observada e a composição de um projeto pedagógico que contemple a dimensão pastoral.

Podemos afirmar que os jovens estudantes percebem a evangelização a partir das ações desenvolvidas pela escola, mas, tais ações nem sempre acontecem de acordo com os objetivos de sua proposta pedagógica. A afirmação é baseada a partir dos estudos realizados e da pesquisa feita durante o ano de 2007.

Os dados dos questionários possibilitaram perceber duas situações: a participação dos jovens em diversos grupos e a compreensão que eles têm da juventude e da evangelização na sociedade. Possibilitaram ainda identificar o que as atividades propostas pelo Colégio representam para eles.

Contudo, é possível apontar algumas tendências e desafios para a ação evangelizadora e o projeto pedagógico da escola, fundamentados nas entrevistas e no referencial teórico. Após a realização da pesquisa, é possível estabelecermos as seguintes conclusões:

A ação evangelizadora é vista, na maioria das vezes, através das atividades desenvolvidas pela pastoral. Dessa forma, a evangelização se restringe a esse setor, caracterizando-o como único responsável pela ação evangelizadora no Colégio, contrapondo-se com a proposta da Educação Marista, onde ela “é colocada como centro do processo educativo, compreendendo e empreendendo a educação como missão evangelizadora”⁹⁹.

“A ação pastoral planejada é resposta específica, consciente e intencional às exigências da evangelização. Deverá realizar-se num processo de participação em todos os níveis das comunidades e pessoas interessadas, educando-as numa metodologia de análise da realidade, para depois refletir sobre essa realidade do ponto de vista do Evangelho e optar pelos meios mais aptos e fazer deles um uso mais racional na ação evangelizadora”¹⁰⁰.

⁹⁹ UBEE, op., cit., p. 24.

¹⁰⁰ CELAM, op. cit., p. 392.

Percebe-se que a pastoral deve perpassar e envolver todas as pessoas da comunidade educativa, numa ação articulada, partindo de um processo de discernimento sobre a realidade atual, reconhecendo as diferenças e o pluralismo existente na escola, num processo de diálogo e liberdade, contribuindo para que o Evangelho seja encarnado a partir da vida e da cultura das pessoas envolvidas. Sabemos que a escola não é o único espaço de evangelização para a maioria da juventude, mas não podemos nos esquecer daqueles jovens que apenas têm acesso à evangelização a partir da escola. No entanto, assumir a evangelização como centro do processo educativo é “estar aberto à auto-conversão, à auto-revisão em busca contínua da recriação de um ambiente onde cada vez mais os valores do Evangelho sejam não só proclamados, mas sobretudo vivenciados”¹⁰¹.

O desafio é construir um projeto pedagógico que valorize a diversidade, garantindo a interdisciplinaridade como via de diálogo entre a fé, cultura e ciência, implicando sensibilidade e inteligência nas relações com o conhecimento e com os sujeitos do mundo acadêmico. Dessa forma, a escola católica busca a excelência acadêmica e também um diferencial ético, profético e evangélico, superando as visões fragmentadas da realidade. A concepção da pastoral apenas como um setor da escola precisa ser superado e para isso o projeto pedagógico precisa mensurar em seu conjunto essa dimensão. Assim, teremos, de fato, uma escola em pastoral, “onde os valores evangélicos estão presentes, revigorando a ação educacional, tornando-se um compromisso de toda a comunidade educativa”¹⁰². Nessa ótica a evangelização deixará de ser tarefa de um setor da escola.

Sabemos da importância da construção do projeto político pedagógico conforme foi citado no capítulo anterior. Ele busca a organização do trabalho pedagógico da escola em sua totalidade.

Para Veiga a construção desse projeto passa pela autonomia da escola e sua capacidade de apresentar sua própria identidade.

O projeto político pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão¹⁰³.

¹⁰¹ UBEE, op., cit., p. 27.

¹⁰² UBEE, op., cit., p. 26.

¹⁰³ VEIGA, op. cit., p. 13-14.

Uma escola sem o projeto político pedagógico é como um barco sem leme, tornando-a sem referência para a prática pedagógica, impossibilitando-a de fazer processos e “definir as suas ações e características necessárias para cumprirem os seus propósitos e intencionalidade”¹⁰⁴. Faz-se necessário que o Colégio elabore o seu projeto político pedagógico, não ficando apenas nas orientações sugeridas por sua mantenedora, pois nem sempre as ações externas correspondem às necessidades internas do colégio.

É preciso elaborar o projeto político pedagógico partindo da realidade da comunidade educativa¹⁰⁵, suas necessidades, tendo em vista as indicações necessárias para a organização pedagógica, propiciando aos seus membros uma participação efetiva. É necessário olhar, também, para a formação continuada e capacitação dos educadores, investindo naqueles que são responsáveis pelo crescimento dos alunos no espaço escolar. Se a escola acolhesse e incentivasse os educandos a participar da elaboração do mesmo, teríamos algumas inovações, isto é, torná-los-ia parte do processo, contribuindo com o seu protagonismo.

Se continuar o descrédito aos jovens, percebendo-os imaturos, que não têm responsabilidades com a vida, continuaremos afirmando alguns chavões construídos historicamente: juventude é um período de transição da infância para idade adulta, tempo de preparação para o futuro, estado de espírito, tempo de indecisões, reforçando a idéia do paradigma “jovens como ator estratégico”. O desafio da escola e demais instituições, hoje, é perceber os jovens como seres em potencial levando em consideração as suas vivências a partir dos estilos e símbolos adotados em sua pluralidade, reconhecendo-os como sujeitos de direitos. Compreendê-los dessa forma é percebê-los como sujeitos plenos para o qual se faz necessário políticas articuladas que garantam de forma integral e diversificada as suas necessidades, assim como, as suas capacidades de contribuição e de participação social. É também uma possibilidade de desvelar o que se passa na sociedade e como ela se renova e se recria em novas formas de organização social. É identificar os meios que a juventude encontra para inserir-se socialmente.

Por tudo isso, acreditamos que é preciso olhar para o jovem com confiança, encorajando-o para ir além do seu papel de aluno, valorizando aquilo que traz consigo: as suas vivências e a sua capacidade de criação. As atividades

¹⁰⁴ VEIGA, op. cit., p. 13.

¹⁰⁵ Membros da Comunidade Educativa – são os alunos, pais, funcionários e educadores.

apresentadas pela escola devem estar inseridas no contexto que os jovens estão vivendo e levando em conta também aquilo que eles gostam de fazer.

Se as atividades do colégio continuarem sendo planejadas pelas equipes de professores e coordenadores e pensadas para os seus educandos de forma homogênea, desconsiderando a diversidade juvenil presente no Colégio, teremos cada vez mais o distanciamento dos jovens em relação às atividades propostas com pouca participação. Por isso, seria importante a participação dos jovens na elaboração e execução das atividades, como também, na construção do calendário e planejamento escolar. Dessa forma o colégio os ajudará a trilharem o caminho para autonomia.

A importância da participação em grupos é visível nas falas dos jovens entrevistados, confirmando que as vivências juvenis nesses espaços marcam a construção de sua identidade, possibilitando ainda a socialização e troca de conhecimentos. O grupo passa a ser um espaço de convivência, de crescimento e descoberta daquilo que o indivíduo é, bem como daquilo que poderá ser. Os valores como respeito, amizade, solidariedade e o desejo de atividades voltadas para o social estão presentes em algumas entrevistas, “o que contribui para o jovem sair de si e encontrar-se no outro, ampliando a sua visão de mundo”¹⁰⁶. Ainda sobre a participação, a escola pode criar diversos espaços para que os jovens desenvolvam o seu protagonismo. Uma das possibilidades seria a Pastoral Juvenil Marista, reconhecida por eles como um espaço de evangelização, a mesma deverá ter uma proposta atrativa, despertando o interesse dos mesmos, ajudando-os na construção do seu projeto de vida; o grêmio estudantil que pode ser incentivado pela Escola, mas deve ser uma iniciativa dos próprios alunos e espaços de debates e reflexão sobre a realidade educacional, a ética e a política do nosso país.

Essas reflexões sobre as realidades juvenis e a ação evangelizadora no espaço escolar, por se tratar de realidades amplas e complexas, possibilitam-nos que sejam retomadas posteriormente. Todavia, sabemos que as mesmas existem, que são de suma importância, que contribuem para o processo de formação cidadã e que merecem mais investimento para pesquisa e desenvolvimento de políticas públicas para os jovens. Enfim, ressaltamos que esses múltiplos olhares, aqui apresentados, são a expressão num tempo e espaço específico, possibilitando-nos

¹⁰⁶ TEIXEIRA, op. cit., p. 134.

apresentar ao final dessa pesquisa mais informações que possam favorecer esse processo de construção do protagonismo juvenil.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (Orgs). *Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/ Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virginia de (Org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-35.

ALPIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. A construção Social da Juventude. In: *Mulheres e Jovens e Direitos Humanos*. Manual de capacitação das mulheres jovens e a ampliação da CEDAW. São Paulo: REDLAC, Edição Brasileira, 2004, p. 21-32.

ALVES, Manoel. Universidade e Educação Marista. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/reflexoes/encontro/2003-3/documentos/04-Universidade-e-Educacao-Marista-Manoel-Alves.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

AZZI, Riolando. *História da Educação Católica no Brasil: os primórdios e a obra de Champagnat no Brasil*. v. 1. São Paulo: Loyola, 1996.

BERGER, Peter L. O dossel sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985, p.15-41

BOEING, A. O Fenômeno Religioso como experiência universal. [artigo]. Disponível em: <<http://ead.marista.edu.br/moodle/mod/resourcerce/view.php?id=179>>. Acesso em: 21 ago. 2007.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto- Portugal: Porto, 1994.

BORAN, Jorge. O futuro tem nome: Juventude. *Sugestões práticas para trabalhar com os jovens*. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. *Os desafios pastorais de uma nova era: estratégias para fortalecer uma fé comprometida*. São Paulo: Paulinas, 2000.

BRASIL Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. *Censo Demográfico do Ano 2000*. Departamento de População e Indicadores Sociais, Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 9-17.

BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual: realidade e desafios a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé: manual básico de teologia pastoral*. São Paulo: Paulinas; Valência, Espanha: Siquem, 2006.

CARMO, Paulo Sérgio. Juventude no singular e no plural. In: *As caras da Juventude*. Cadernos Adenauer. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001, p. 9-19.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da conferência de Puebla*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 174-190; 351-378.

_____. *Civilização do Amor: tarefa e esperança: orientações para a pastoral da juventude Latino- Americana*. Tradução: Hilário Dick. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Projeto de vida: Caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana*. Tradução de Hilário Dick. São Paulo: CCJ, 2003.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 194-214.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil*. Documento CNBB.28. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 72-90.

_____. *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Estudos CNBB.76. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. 2003- 2006. Documento. CNBB.71. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Evangelização e Missão Profética da Igreja: novos desafios*. Documento. CNBB.80. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 21-72.

_____. *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Documento CNBB.85. São Paulo: Paulinas, 2007.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COMISSÃO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO MARISTA (1995-1998). *Missão Educativa Marista: um projeto para o nosso tempo*. Tradução Manoel Alves e Ricardo Tescarolo, 3. ed. São Paulo: SIMAR, 2003.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez/MEC/UNESCO, 1998.

DICIONÁRIO HOUAISS. São Paulo: Objetiva, 2006.

DICK, Hilário. *O caminho se faz: história da Pastoral da Juventude do Brasil*. Porto Alegre: Evangraf, 1999.

_____. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: Instituto de Pastoral de Juventude: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2004.

_____. *Gritos Silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na História*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Cartas a Neotéfilo*. Conversas sobre a assessoria para grupos de jovens. São Paulo: Loyola, 2005.

FORACCHI, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRAGA, Paulo César Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREITAS, Maria Virginia. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. 2. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1981.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FURET, Jean Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GROPPO, Luis Antônio. *Juventude: ensaios sobre a sociologia e história sobre as juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Constituições e Estatutos*. São Paulo: Loyola, 1997.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério; CÂNDIDO, Viviane. *A escola confessional, espaço religioso*. Ensino religioso e pastoral escolar: qual a sua perspectiva? Congresso da AEC, Anais do XIX, Belo Horizonte, 2007, p. 139-159.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2003.

KLOSINSKI, Gunther. *A Adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

LEVI. Giovanni; SCHIMITT. Jean Claude; *História dos Jovens: da antiguidade à era moderna*. Tradução Cláudio Marcones, Nilson Moulin, Paulo Neves. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. *Jovens em tempo de Pós-Modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre a secularização e dessecularização*. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 5-104.

MINAYO, M.C. de S. (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: Abramo, Helena; Branco, Pedro Paulo (Org). *Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

O'DEA, Thomas F. *Sociologia da religião*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969.

PAULO VI. *Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. Evangelii Nuntiandi. São Paulo: Paulinas, 1976.

PROVINCIA MARISTA DO BRASIL CENTRO SUL. *Plano de Pastoral*. São Paulo: FTD, 2006.

RIBEIRO, Eliomar. *O Grito dos Jovens: sonho e esperança que move o coração de Deus*. Dissertação (Mestrado em Catequese e Juventude) Universidade Pontifícia Salesiana – Roma, 2006. p. 24.

SANDOVAL, Mario. *Jóvenes del siglo XXI: sujetos y actores em una sociedad em cambio*. 3. ed. Santiago- Chile: UCSH, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural, reinventando a emancipação social*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

SCHMIDT, João Pedro. O que pensam os jovens hoje. Imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari. Santa Cruz do Sul: Clarice Agnes, 1996.

SECRETARIA NACIONAL DA PASTORAL DA JUVENTUDE ESTUDANTIL. Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil: nossa vida, nossos sonhos. [s.l.]: [s.n.], [s.d.], p. 55.

SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA. Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista. São Paulo: FTD, 2006.

_____. Constituições e Estatutos. São Paulo: Loyola, 1997.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: Abramo, Helena; Branco, Pedro Paulo (Org). *Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2005. p. 27-35.

SILVA, Lourival Rodrigues da. *A Religião em tempos de Pós-Modernidade e a Juventude*. *Revista Redemoinho*. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e Institutos de juventude, 2006. p. 41-46.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: Abramo, Helena; Branco, Pedro Paulo (Org). *Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/ Perseu Abramo, 2005, p. 87-127.

TEIXEIRA, Carmem Lucia. *O Grupo de Jovens: espaço de formação política*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiânia, Goiânia, 2006.

TEIXEIRA, Carmem. *Evangelização da Juventude: contexto, conseqüências e desafios*. Goiânia: CAJU, 2006.

UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO (UBEE). *Projeto Político Pastoral Pedagógico: documento geral, v.1*. Belo-Horizonte: UBEE, 2003.

VEIGA, Ilma. Passos Alencastro. *Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível*. São Paulo: Papirus, 2004.

VELOSO, Altair. *Alabê de Jerusalém*. Manaus: Avatar produções, 2006. 1 DVD (252 min). Direção de Bárbara Veloso, Produção de Altair Veloso.

ANEXOS

Anexo A

FACULDADE DE JESUITA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
CASA DA JUVENTUDE PADRE BURNIER
PÓS-GRADUAÇÃO EM ADOLESCENCIA E JUVENTUDE

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA PARA OS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Título da Monografia: Um olhar e muitos olhares: a evangelização dos jovens estudantes na escola católica.

Pesquisador: José Leonardo dos Santos Borba

Caro (a) aluno (a),

Estamos realizando um estudo sobre a evangelização e participação dos jovens no ambiente escolar. Além das fontes bibliográficas, interessam-nos conhecer como os alunos percebem a evangelização a partir das atividades escolares. Para tanto solicitamos sua colaboração respondendo ao questionário que segue. Por questões éticas o seu nome não será divulgado.

Atenciosamente,

José Leonardo dos Santos Borba
Pesquisador

Há quanto tempo você estuda no colégio? _____

Idade: _____ Série _____

Você professa alguma religião? () Sim () Não

Qual? _____

Participa de algum grupo? _____

Em qual espaço? _____

1- Para você, o que é Evangelizar?

2- Quais os espaços você considera evangelizadores na sociedade?

3- Para você, o que é ser jovem?

4- De quais atividades realizadas pelo colégio você costuma participar?

Por quê?

5- De quais atividades realizadas pelo colégio você não participa?

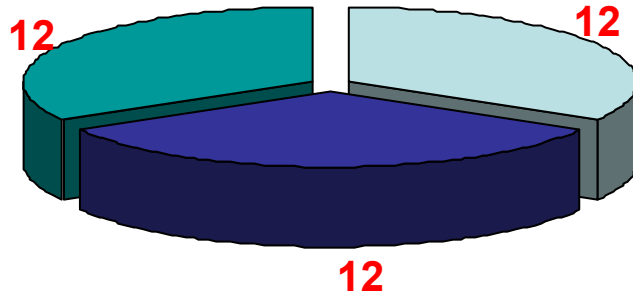
Por quê?

6- Quais as ações/propostas oferecidas pelo colégio você percebe evangelizadoras?

7- Para você, o que representam as atividades propostas pelo colégio?

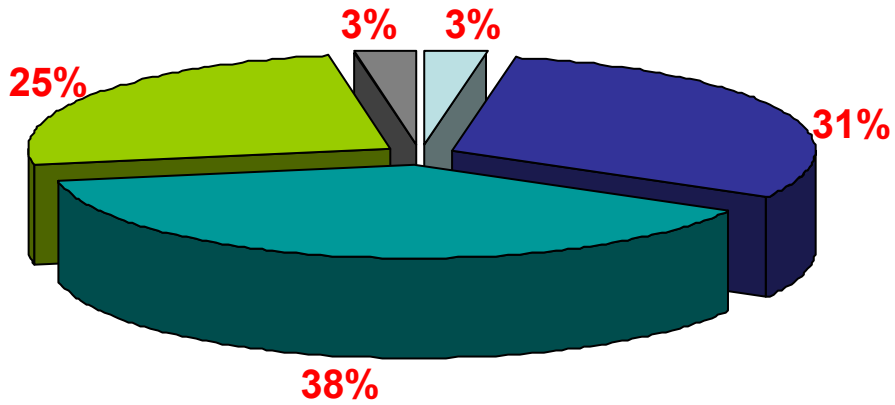
Anexo B

Participantes por Série



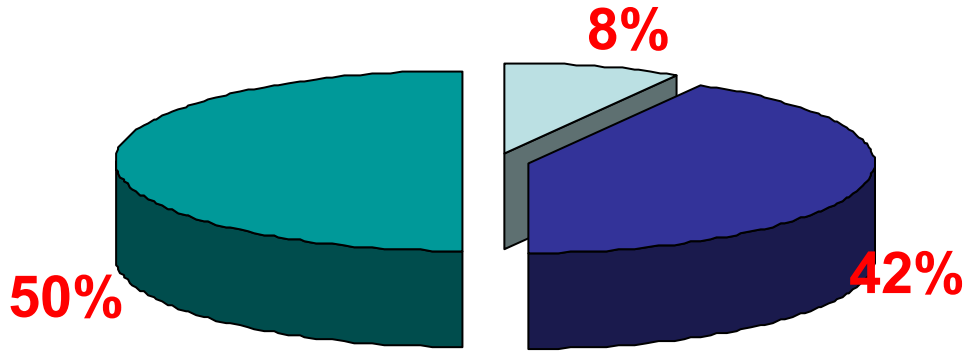
■ 1º Ano (E.M.) ■ 2º Ano (E.M.) ■ 3º Ano (E.M.)

Idade dos Entrevistados



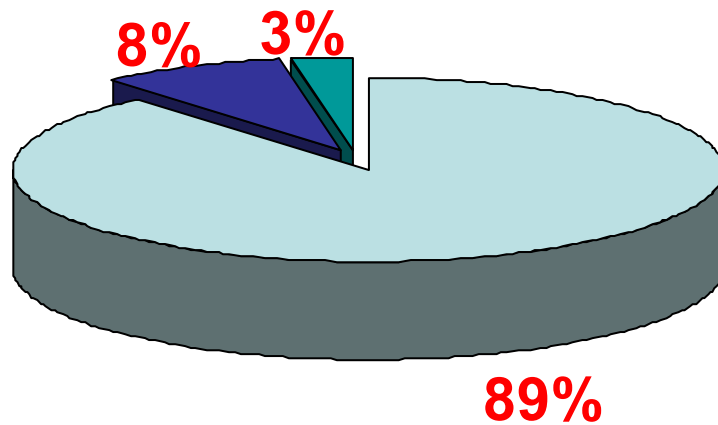
■ 14 Anos ■ 15 Anos ■ 16 Anos
■ 17 anos ■ 18 Anos

Tempo de estudo no colégio



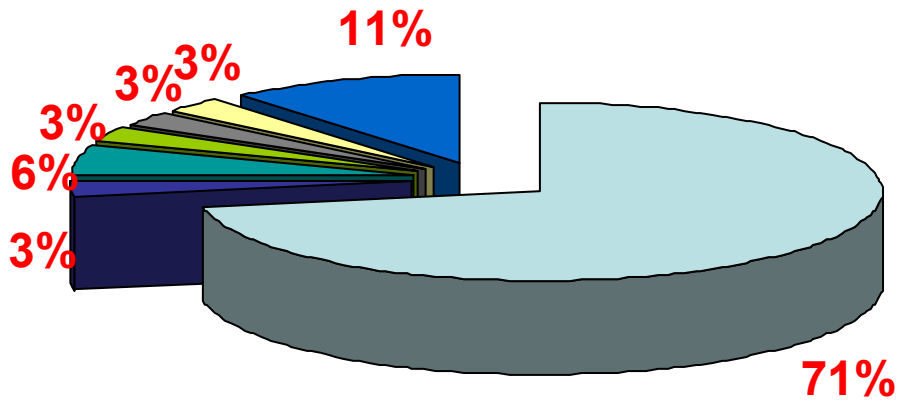
■ menos de 5 anos ■ De 5 até 10 anos ■ Mais de 10 anos

Você professa alguma religião?



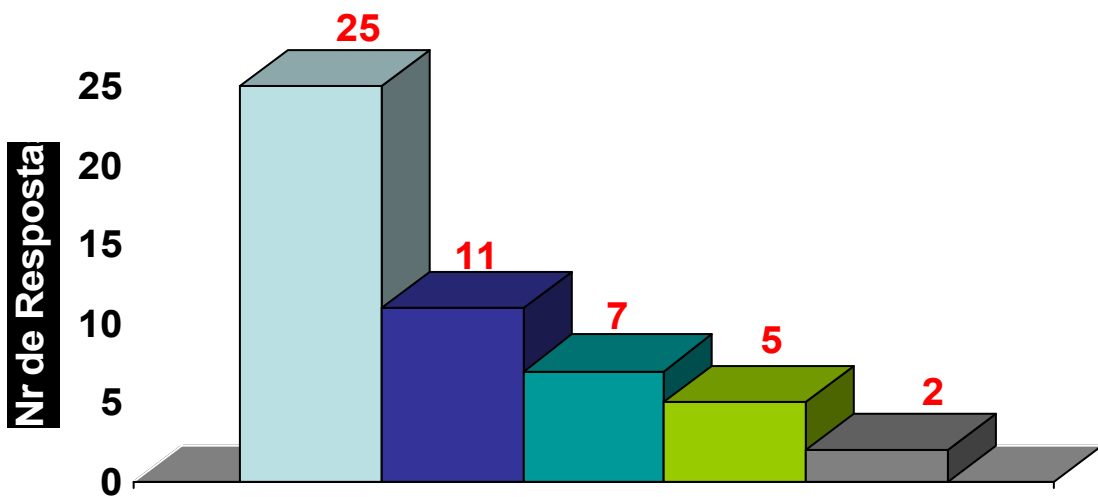
■ SIM ■ NÃO ■ SEM RESPOSTA

Qual religião?



Católica	Católica, não praticante
Cristã Espírita	Cristã Presbiteriana
Igreja Batista	Outras respostas
Sem Resposta	

Qual sua participação em grupos?



Religião	Esportes	Arte e cultura
Outros	Não participa	

**Qual sua
participação
em grupos?**

Categoria: Religião

PJM	06
Crisma	06
Jovem Cidadão	04
Centro espírita	02
Grupo de jovem	05

**Qual sua
participação
em grupos?**

Categoria: Esportes

Futebol	01
Vôlei	03
Esporte em Geral	01
Basquete	02
Hipismo	01
Nijitsu	01
Academia	01
Aikidô	01

**Qual sua
participação
em grupos?**

Categoria: Arte e Cultura

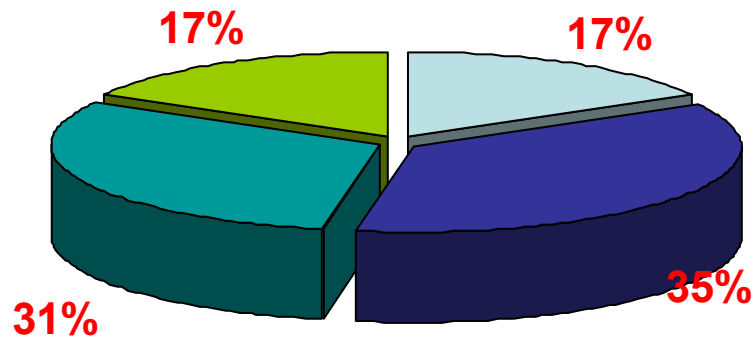
Dança	03
Música	01
Artístico	01
Teatro	02

**Qual sua
participação
em grupos?**

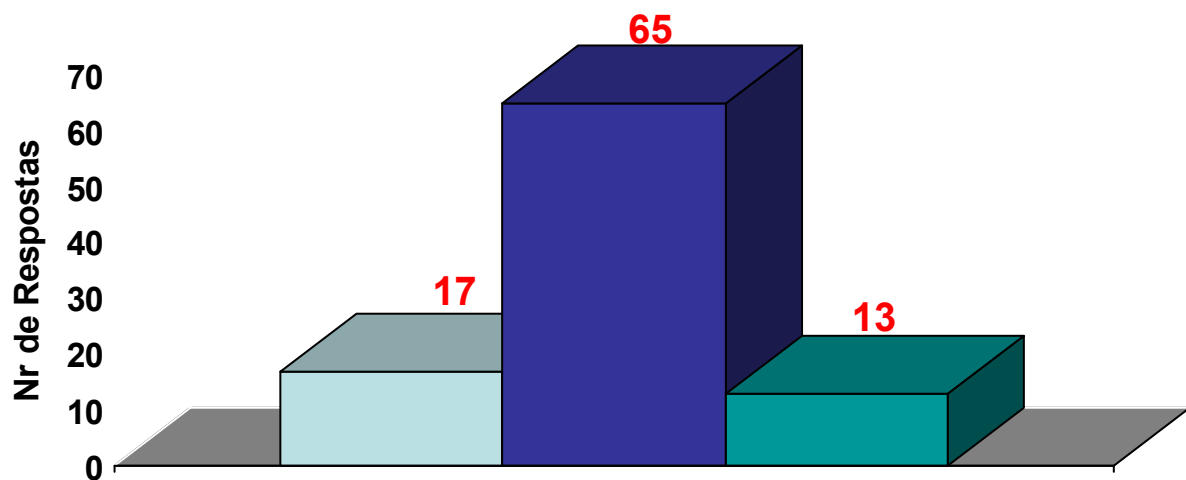
Categoria: Outros

Grêmio	02
Grupo de Estudo	01
Comissão de Formatura	01
Grupo de Amigos	01

Para você o que é evangelizar?



Quais os espaços você considera evangelizadores na sociedade?



**Quais os espaços
você considera
evangelizadores na
sociedade?**

Categoria: Religião

Centro espírita	01
Cultos	01
Conventos	02
Espaços de pregação	01
Grupos de jovens	03
Crisma	01
PJM	02
Catequese	02
Comunidade	01
Pastorais	01
Grupos Religiosos	01
Centros Religiosos	01

**Quais os espaços
você considera
evangelizadores na
sociedade?**

Categoria: Outros

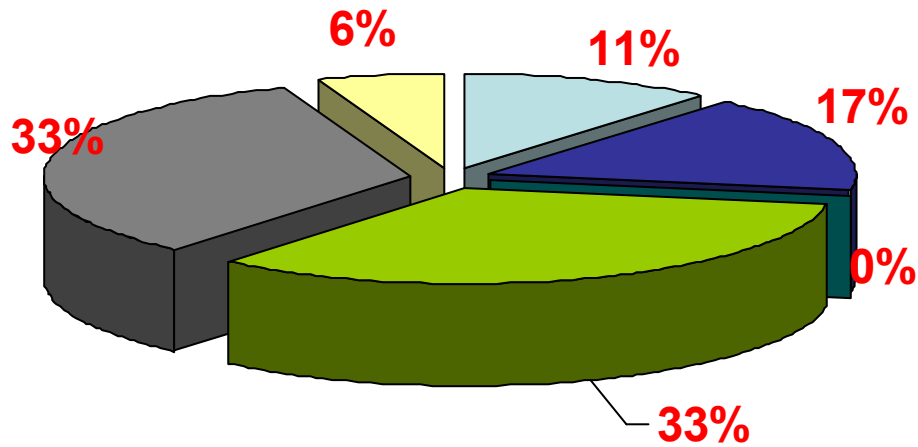
Contato com os outros	01
Grupos de inserção	02
Grupos de amigos	03
Televisão	01
Pracinha	01
Empresa	01
Grupos ambientalistas	01
ONG's	01
Grupos de esportes	01
Bares	01

**Quais os espaços
você considera
evangelizadores na
sociedade?**

Categoria: Instituições

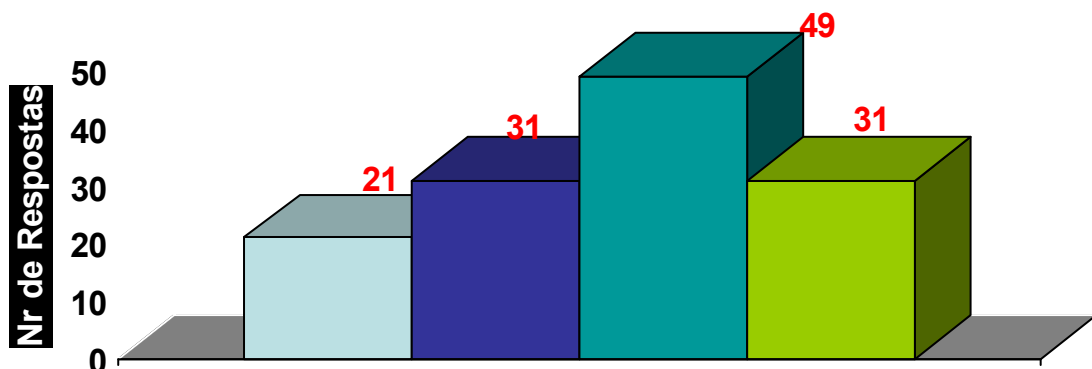
Igreja	28
Escola	23
Família / Lar	12
Trabalho Voluntário	01
Eventos Solidários	01

Para você o que é ser jovem?



- Histórico Social
- Etária
- Biológica/Fisiológica
- Rito de Passagem/Estado de Espírito
- Psicológica
- Outros

De quais atividades realizadas pelo colégio você costuma participar?



- Arte e Cultura
- Pedagógicas
- Pastoral
- Esportivas

**De quais
atividades
realizadas pelo
colégio você
costuma
participar?**

Categoria: Arte e Cultura

Gincanas	01
Passeios Ciclísticos	04
Festa Junina	13
Festas	01
Dança	01
Semana de Arte e Cultura	01

**De quais
atividades
realizadas pelo
colégio você
costuma
participar?**

Categoria: Pedagógica

Passeios pedagógicos	07
DIM	13
Palestras	03
Seminários	07
Grêmio	01

De quais atividades realizadas pelo colégio você costuma participar?

Categoria: Esportes

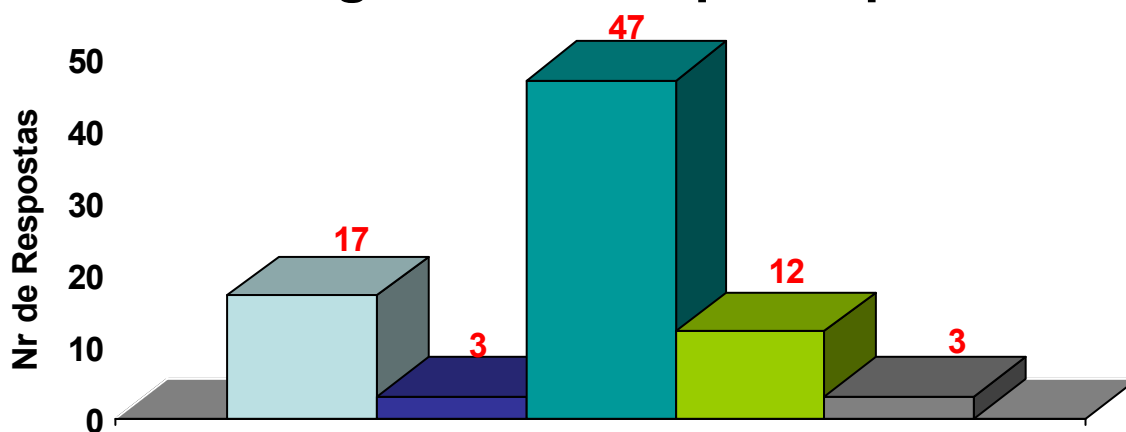
JIM	23
Jogos	06
Grupo de Basquete	01
Ginástica Rítmica	01

De quais atividades realizadas pelo colégio você costuma participar?

Categoria: Pastoral

Missas / Celebrações	09
PJM	04
Dia de Convivência	17
Jovem Cidadão	18
Missão de Solidariedade	01

De quais atividades propostas pelo colégio você não participa?



Categoria: Arte e Cultura

De quais atividades propostas pelo colégio você não participa?

DIM	02
Teatro	07
Passeio Ciclístico	03
Semana de Arte e Cultura	01
Festas	02
Mostra de Arte e Cultura	01
Dança	01

Categoria: Pastoral

**De quais
atividades
propostas pelo
colégio você não
participa?**

Projeto Jovem Cidadão	12
PJM	21
Missão de Solidariedade	06
Celebrações	08

Categoria: Esportivas

**De quais
atividades
propostas pelo
colégio você não
participa?**

Esportivas em geral	11
Ginástica Rítmica	01

**De quais
atividades
propostas pelo
colégio você não
participa?**

Categoria: Pedagógica

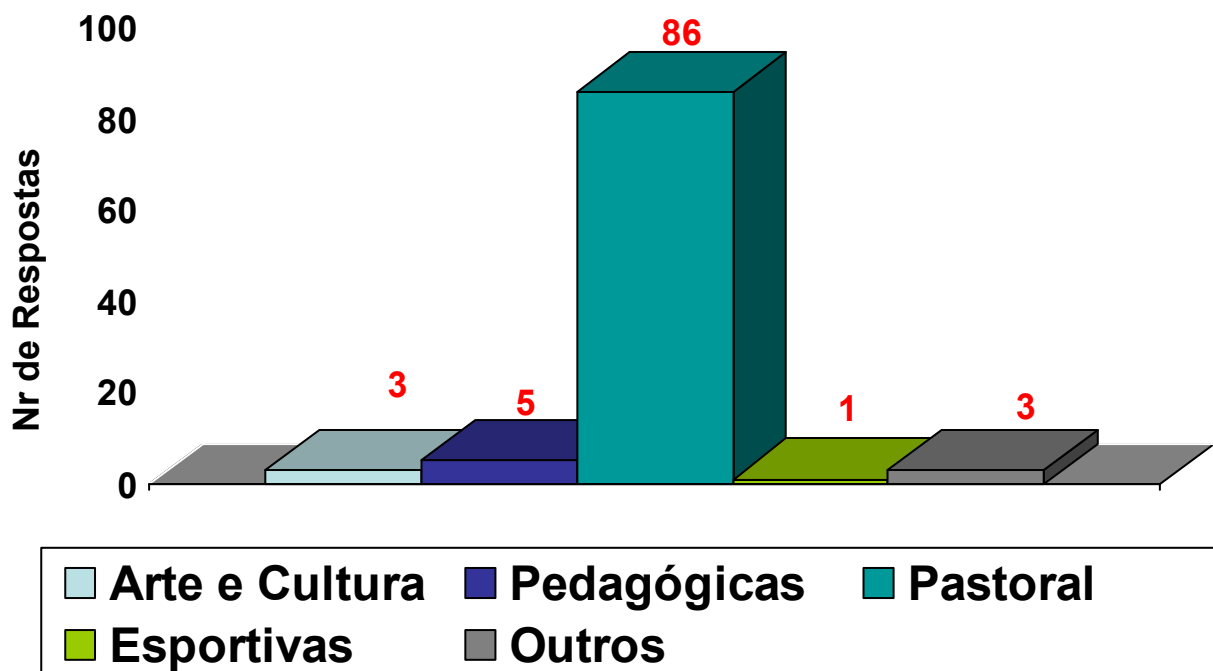
Monitoria	01
Palestras	02

**De quais
atividades
propostas pelo
colégio você não
participa?**

Categoria: Outros

Reuniões	02
Eventos	01

Quais as ações/propostas oferecidas pelo colégio você percebe evangelizadoras?



Quais as ações/propostas oferecidas pelo colégio você percebe evangelizadoras?

Categoria: Arte e Cultura

Festas	02
Teatro	01

Categoria: Pastoral

**Quais as
ações/propostas
oferecidas pelo
colégio você
percebe
evangelizadoras?**

PJM	29
Jovem Cidadão	23
Missas / Celebrações	11
Oração Diária	01
Missão de Solidariedade	08
CMC	02
Casa da Acolhida	02
Encontro de Convivência	07
Visitas a abrigos, orfanatos,...	03

**Quais as
ações/propostas
oferecidas pelo
colégio você
percebe
evangelizadoras?**

Categoria: Pedagógica

DIM	04
Ensino Religioso	05

Quais as ações/propostas oferecidas pelo colégio você percebe evangelizadoras?

Categoria: Pedagógica

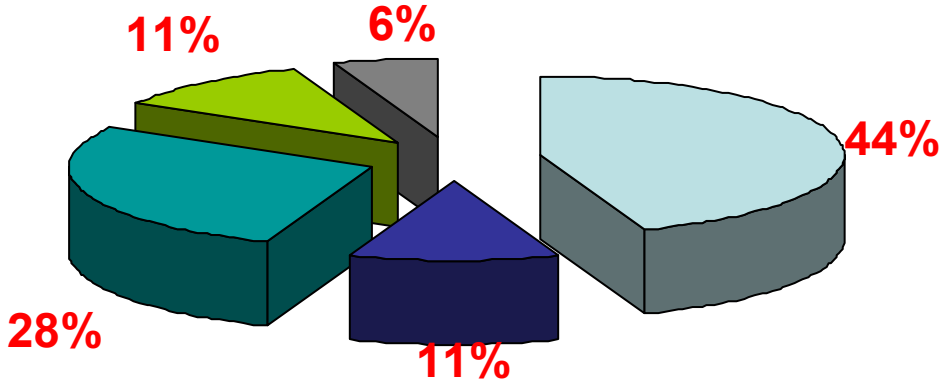
DIM	04
Ensino Religioso	05

Quais as ações/propostas oferecidas pelo colégio você percebe evangelizadoras?

Categoria: Outros

A própria escola	01
Atividades em sala de aula	01
Discussão nas aulas	01

Para você o que representam as atividades propostas pelo colégio?



Formação Humana

Profissional Acadêmico

Religião/Valores

Sócio Transformadora

Outros